



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**A Pecuária e sua importância para o repovoamento do Seridó
(do final do século XVII ao final do século XVIII)**



José de Anchieta Alves Bezerra

Orientador: Prof. Luiz Eduardo Brandão Suassuna

Natal/2005

JOSÉ DE ANCHIETA ALVES BEZERRA



**A Pecuária e sua importância para o repovoamento do Seridó
(do final do século XVII ao final do século XVIII)**

Monografia apresentada à disciplina de
Pesquisa Histórica II do Curso de
História da Universidade Federal do Rio
Grande do Norte, sob orientação do
Professor Luis Eduardo Brandão
Suassuna.

NATAL/2005

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas a todas as pessoas
que batalham pelos seus sonhos e conseguem realizá-los.

**O papel do historiador é lembrar
aquilo que os outros esqueceram.**

Eric Robesbam

AGRADECIMENTOS

A DEUS, razão maior de minha existência e por ter sido durante todo o curso fonte maior de minha inspiração.

A meu pai, Pedro Alves Bezerra (In Memória) meu espelho de vida, homem íntegro e bondoso, que mesmo estando em outro plano sempre estará ao meu lado.

A minha mãe, Maria Luiza Felix Bezerra, imagem de bondade, pela educação que me deu.

Aos meus irmãos, pelo incentivo e companheirismo.

Aos meus sobrinhos que tanto amo.

Ao meu orientador, professor Luiz Eduardo Brandão Suassuna, pela orientação, amizade, compreensão e atenção que me dedicou e me guiou quanto aos caminhos a seguir durante a execução desse trabalho.

Enfim, a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste sonho, meus sinceros agradecimentos.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| 1 A ATIVIDADE DA PECUÁRIA NO BRASIL NO PERÍODO COLONIAL | 11 |
| 1.1 O desenvolvimento pecuário da região Nordeste do Brasil no período colonial | 14 |
| 1.2 A pecuária na região Central do Brasil | 18 |
| 1.3 O estabelecimento da pecuária na região Sul do Brasil | 20 |
| 2 A PECUÁRIA NO RIO GRANDE DO NORTE COLINIAL | 24 |
| 2.1 A origem da pecuária na capitania do Rio Grande | 27 |
| 2.2 O desenvolvimento da pecuária na capitania do Rio Grande | 29 |
| 3 A PECUÁRIA NA ORIGEM E NO PROCESSO DE REPOVOAMENTO DA REGIÃO DO SERIDÓ | 40 |
| 3.1 O desenvolvimento da sociedade seridoense do século XVIII | 47 |
| 3.2 A religiosidade nos sertões do Seridó nos séculos XVII e XVIII | 49 |
| CONCLUSÃO | 58 |
| BIBLIOGRAFIA | 60 |
| ANEXOS | |

INTRODUÇÃO

Durante o período colonial a maior parte das capitânicas possuía o cultivo da cana-de-açúcar como base econômica, por tanto, todas as terras férteis próximas ao litoral destinavam-se ao cultivo quase que exclusivo desta lavoura. Deste modo, não sobrava espaço para o desenvolvimento de atividades acessórias como a pecuária que fornecia carne e força motriz para os engenhos. Devido a essa dificuldade surgiu a necessidade de separação entre a monocultura da cana-de-açúcar e a pecuária. A indústria pastoril inicialmente era feita em pequena escala, depois passou a expandir-se para o interior, principalmente quando ocorreu a ocupação holandesa. Além do mais, o gado se transformou em uma fonte econômica importantíssima já que dela aproveitava-se quase tudo, inclusive o couro que era exportado para outros países.

A presença do gado no Rio Grande do Norte, de acordo com Tarcisio Medeiros advém do primeiro ciclo econômico destas terras, o pau-brasil. Ainda na época anterior a expedição colonizadora de Martin Afonso de Souza (1530). A capitania, favorecida pela sua privilegiada localização geográfica, aliada ao pouco interesse da coroa portuguesa por estas terras e a abundância de pau-brasil irá despertar nos franceses um enorme interesse, pois estes viam no comércio de pau-brasil um excelente negócio. A presença francesa no litoral do Rio Grande do Norte foi tão marcante a ponto de construírem um entreposto comercial em terras potiguares. O escambo comercial era feito de forma pacífica entre os indígenas e os franceses e ocorria mediante a troca dos produtos que os europeus traziam do seu país. Além dos produtos para o escambo, trouxeram também o gado, base de sua alimentação. O gado adaptou-se tão bem a região que se espalhou por toda a faixa litorânea que vai de Jenipabu até Ceará-Mirim. Ao final da ocupação holandesa a presença do

colonizador português intensificou-se no sertão da capitania do Rio Grande devido principalmente ao avanço das frentes pastoris que obstinavam-se em expandir a pecuária para o interior. Inicialmente foi muito comum a relação entre colonos e nativos, entretanto devido ao avanço do gado se intensificar cada vez mais, chega o momento em que a presença indígena torna-se um empecilho para a colonização, levando as autoridades coloniais a usar força como forma de fazer os indígenas desocuparem as terras, gerando um conflito que ficou conhecido na história da capitania como “Guerra dos Bárbaros” ou “Confederação dos Cariris”. A consequência mais funesta desse conflito foi a quase dizimação dos índios da capitania. Somente após o conflito com os índios é que os colonos juntamente com o gado fixaram-se definitivamente na região do Seridó. Tais colonos logo que no Seridó chegaram construíram currais e ranchos de taipa as margens dos rios que cortam o Seridó visto que esses rios desempenhavam um papel indispensável para a criação de gado. São estes currais com seus gados e pessoas que explicam o repovoamento da região do Seridó a partir do final do século XVII.

A pesquisa a ser realizada a respeito da importância da pecuária para o repovoamento e desenvolvimento da região do Seridó do final do século XVII ao final do século XVIII está inserida no campo de estudos da história regional, pois o objetivo proposto é estudar uma região específica com uma atenção especial voltada aos temas sociais. Para tanto serão desenvolvidos três capítulos nos quais procurarei demonstrar a importância da pecuária no processo de repovoamento e desenvolvimento da região do Seridó. Nesse intuito serão consultados autores e obras tradicionais bem como a bibliografia contemporânea sobre o tema. Entre estes podemos citar os clássicos Caio Prado Junior, Antonil, Câmara Cascudo, Tavares de Lira, entre tantos nomes de destaque na historiografia do Brasil e do Rio Grande do Norte.

No primeiro capítulo procurarei traçar uma breve análise da atividade pecuária no Brasil do período colonial. A origem controversa do rebanho bovino brasileiro. As características da pecuária nos primórdios da colonização portuguesa. A íntima relação da indústria pastoril com a monocultura da cana-de-açúcar, a importante contribuição econômica, social e demográfica proporcionada pela criação de gado, entre outros aspectos importantes relacionados a pecuária. Abordarei também a questão do desenvolvimento pecuário de uma das principais regiões brasileiras do período colonial, no Norte, na Região Central e Sul do Brasil. Suas peculiaridades e diferenças ocorridas no desenvolvimento das fazendas de gado de região para região. Em fim as dificuldades sofridas e os benefícios concedidos devido à exploração do gado nessas regiões.

No segundo capítulo reduziremos o nosso campo de visão apenas para a capitania do Rio Grande. Traçarei um breve perfil dos mais relevantes acontecimentos históricos da capitania. Em seguida analisarei a origem do rebanho potiguar e sua expansão pelas terras potiguares, bem como as relações entre esses fatos históricos e o desenvolvimento das fazendas de gado no Rio Grande. O papel da pecuária na formação e povoamento dos municípios do Rio Grande do Norte também será abordado bem como o advento da sua interiorização antes e durante o conflito dos colonos com os indígenas e antes disso, a pecuária e seu papel durante o domínio holandês.

Finalmente o terceiro capítulo será reservado especificamente a região do Seridó. Analisarei de que modo se deu o repovoamento desta região e qual o papel da pecuária nesse processo. As primeiras datas de terras (ainda durante o período da “Guerra dos Bárbaros”), as primeiras famílias, em fim o início da nova sociedade nos sertões do Seridó. Depois observaremos o surgimento e desenvolvimento dos atuais municípios do Seridó e sua estreita relação com a indústria pastoril. E por fim voltarei minha atenção para aspectos

igualmente relevantes da sociedade, religião e cultura do povo seridoense encerrando deste modo essa pesquisa.



1 A atividade da pecuária no Brasil no período colonial.

O rebanho brasileiro de acordo com alguns historiadores, originou-se quando Tomé de Souza, primeiro governador geral, trouxe algumas cabeças de gado bovino em sua expedição. Essas primeiras cabeças originaram grandes rebanhos na região da Bahia auxiliados posteriormente por outros lotes de gados enviados à colônia. Todavia, outra versão para essa origem e cogitada por estudiosos do tema e remete a um período um pouco anterior. Por volta de 1535, quando por iniciativa da esposa de Martim Afonso de Souza, dona Ana Pimentel, os primeiros exemplares de gado VACUM foram introduzidos no Brasil aportando na capitania de São Vicente. Capistrano de Abreu reforça a corrente que crê na origem da pecuária brasileira na região da Bahia quando afirma que a criação de gado primeiro desenvolveu-se nos arredores da cidade de Salvador, nas margens do São Francisco e na região de Pernambuco¹. De modo geral a pecuária no Brasil originou-se na primeira metade do Século XVI e daí em diante desenvolveram-se de forma lenta, inicialmente servindo apenas à economia da cana-de-açúcar. Sobre a qualidade do rebanho brasileiro, o gado do período colonial teve sua base de origem nas raças da península ibérica, principalmente as trazidas de Cabo Verde, também colônia de Portugal, pelos capitães donatários; nos animais existentes no vice-reinado do Peru que chegavam até a colônia através do Paraguai; nos exemplares deixados por franceses e holandeses durante suas incursões e domínio do território Brasileiro; e por fim houve a contribuição do gado da Região platina que introduziu-se aqui por meio da colônia do Sacramento. De acordo com o Roberto C. Simonsen foi desta forma que surgiram os primeiras espécimes de gado tipicamente regionais oriundos do cruzamento livre entre essas raças e de fatores naturais

¹ BUESCU, Mircea. *História Econômica do Brasil: pesquisas e análises*. Rio de Janeiro: Apec. 1970 p. 74

relevantes tais como o clima e o tipo das pastagens². Entre as raças locais que começaram a povoar o interior da colônia podem-se destacar as mais importantes como o mocho, o caracu, o curraleiro, o bruxo, o pantaneiro e o franqueiro entre outras.

Para saber mais sobre as questões relativas a origem da criação de gado no Brasil, devemos nos voltar para algumas importantes características presentes no desenvolvimento desse setor no período colonial. A pecuária, apesar de sua clara importância econômica, inicialmente assumiu um papel de atividade secundária, principalmente no apoio aos engenhos de açúcar como importante fornecedora de alimentação, transporte e força motriz para os engenhos. A alimentação a base de carne era necessária para os trabalhadores envolvidos na intensa labuta dos engenhos, além disso, os trapiches e os engenhos precisavam da força animal para movimentá-los e para o transporte, as carretas que carregavam lenha e açúcar exigiam um considerável número de bois para puxá-las em seus percursos. Estes são os exemplos mais comuns de como a indústria do açúcar era bastante dependente de gado. Essa característica da pecuária como atividade secundária na economia colonial é destacada por Caio Prado Júnior em sua "História Econômica do Brasil", na qual o autor classifica-a como atividade acessória incluída no que ele denomina de economia de subsistência:

Neste setor da subsistência também entra a pecuária, ela também se destina a satisfazer as necessidades alimentares da população. A carne de vaca será um dos gêneros fundamentais do consumo colonial. Mas a pecuária apesar da importância relativa que atinge e o grande papel que representa na colonização e ocupação de novos territórios, é assim mesmo uma atividade nitidamente secundária e acessória. [...] O seu lugar será sempre de segundo plano, subordinando-se as atividades principais da grande lavoura, e sofrendo-lhe de perto todas as contingências³.

² SIMOSEM, Roberto C. História Econômica do Brasil. 1500-1820. 3ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, [sd]. P.165

³ PRADO JUNIOR, Caio. História Econômica do Brasil: 37ed. São Paulo: Brasiliense, 1976. p.44

Outra importante característica do desenvolvimento da pecuária no Brasil foi a sua interiorização. Obviamente com o aumento da procura pelos produtos do gado houve um enorme estímulo à criação que proporcionou conseqüentemente um considerável aumento nos rebanhos bovinos. Surgiram então os primeiros conflitos entre criadores e lavradores. Estes últimos em defesa das plantações que eram freqüentemente invadidas pelo gado causando-lhes razoáveis prejuízos. Como os campos não eram cercados ou delimitados tornava-se extremamente complicado evitar tais incursões do gado nas plantações de cana-de-açúcar. Desta forma configurava-se uma das razões pelas quais houve a retirada dos currais de criação de gado das áreas dos engenhos, dos canaviais e outras plantações para o sertão brasileiro, toda via uma carta régia de 1701 proibia a criação de gado a menos de dez léguas da costa. A criação de animais foi pressionada, deste modo e principalmente pelo cultivo da cana-de-açúcar, grande produto de exportação da colônia, para o interior e será nas regiões inóspitas dos sertões, sujeitas a vários fatores desfavoráveis como a baixa pluviosidade e irregularidade das chuvas, além da pobreza da cobertura vegetal, que a pecuária irá se desenvolver a ponto de tornar-se fonte fundamental de abastecimento para os pequenos povoamentos de todo o sertão nordestino.

A formação econômica brasileira recebeu uma inestimável contribuição do setor pecuário. Como retaguarda econômica da cultura da cana-de-açúcar a pecuária proporcionou o desdobramento e ocupação de grande parte dos sertões brasileiros nos séculos XVI e XVII. Sob o ponto de vista de Nelson Werneck Sodré a criação de gado nos proporcionou a segunda dimensão da terra brasileira. O homem colonial, através da criação de animais percebeu o valor de áreas que por não apresentarem riquezas minerais ou não servirem para produção agrícola comercial eram ignoradas ou desprezadas. Flávio Guerra

em sua obra “Nordeste, um século de silêncio”, assim se expressa a respeito da importância da pecuária:

A Pecuária [...] colocada em plano inferior as grandes explorações econômicas do Brasil colonial, como as culturas de exportação [...], seria, contudo, brevemente um elemento ímpar para o processo de desbravamento e povoação de várias áreas do país, principalmente o Nordeste, com suas caatingas nas margens dos grandes rios, além de se constituir, também, em futuro breve, na base desenvolvimentista de novas gamas econômicas da região, como as indústrias da carne seca e dos couros⁴.

Entretanto a importância da pecuária não se resume somente a carnes e couros, muito pelo contrário. As sesmarias doadas para criação, estimulada pela procura do gado em Salvador e Recife (Bahia e Pernambuco são os dois principais mercados consumidores do primeiro período colonial) originaram um avanço irregular dos limites dessas capitânicas por trás de outras capitânicas e pelo vale do Rio São Francisco. A expansão para o Norte vai ter como consequência a formação dos Estados do Piauí e do Maranhão através da ocupação das planícies dessas regiões e dos vales dos rios pelas fazendas de gado e pelas terras concedidas em forma de sesmarias. O vale do rio São Francisco por outro lado torna-se á um ponto fundamental para o desenvolvimento da pecuária, tanto que Capistrano de Abreu considerou a região como “o condensador por excelência da população sertaneja”. É nesta região que se dará ao encontro dos paulistas com os elementos vindos do Norte do Brasil.

1.1 O desenvolvimento pecuário da região nordeste do Brasil no período colonial.

Já vimos alguns aspectos relevantes acerca da origem e característica do desenvolvimento da pecuária no Brasil. Observamos então como esse desenvolvimento

⁴ GUERRA, Flávio. Nordeste um século de silêncio. 2ed. Recife: Ed. Asa, 1984.P. 23

ocorreu especificamente em uma das mais importantes regiões do Brasil no período colonial: o Nordeste.

A região, como já foi citado, apresentava muitas condições desvantajosas para o desenvolvimento da criação de animais. Porém, foi em parte devido à expansão das fazendas de gado e Alguns fatores como, o crescente consumo de produtos pecuários pelo litoral canavieiro (centro de produção açucareira e grande núcleo de povoamento), uma baixíssima produtividade industrial, além de uma pequena densidade econômica, servem como excelente base de explicação para a rapidez com que se espalharam as fazendas no sertão nordestino. Outro aspecto que contribuiu para tão rápida expansão foi a facilidade de fundação das fazendas nos sertões do nordeste. A esse respeito Haddock Lobo afirma:

Facilimo era o estabelecimento de uma fazenda de gado. Bastava levantar uma casa, de pau-a-pique, junto a qual se erguiam currais dos mais toscos. Não existiam então, cercas ou outros empecilhos à circulação de animais (...) quase sempre o dono da fazenda ficava nas cidades do litoral entregando a administração da fazenda a um vaqueiro, ou usufruindo lucros relativamente mediocres através dos arrendatários⁵.

Caio Prado Júnior reforça essa afirmação quando escreve:

...Levantada uma casa, coberta em geral de palha (...) feitos uns toscos currais e introduzido o gado (...) estão ocupadas três léguas e formado um estabelecimento. Dez ou doze homens constituem o pessoal necessário...⁶

No Nordeste a expansão a expansão da pecuária ocorreu através de um fenômeno que diversos autores denominam de centros de irradiação, ou seja, destes locais a criação de gado espalhou-se para outras áreas do Nordeste do Brasil. Bahia e Pernambuco foram os

⁵ LOBO, Haddock.. História econômica e administrativa do Brasil. 12ed. São Paulo: Atlas, 1996 .p.51

⁶ PRADO JR, Caio. História Econômica do Brasil, P.45

principais centros de irradiação do Nordeste, seguidos por um núcleo secundário que também originou um movimento expansionista da pecuária: o Maranhão. A partir da Bahia as fazendas de gado se expandirão principalmente para o Norte e Nordeste rumo ao rio São Francisco. Partindo de Pernambuco, o movimento expansionista seguirá cardeais semelhantes rumo ao interior, ocupando a região dos atuais Estados do Rio Grande do Norte e Paraíba.

As rotas expansionistas que se originaram da Bahia, após terem chegado ao rio São Francisco, na metade do século XVII, irão, a partir deste ponto seguir duas direções distintas. A primeira delas subiu acompanhando o curso natural do rio São Francisco e foi desenvolvendo-se rápida e acentuadamente, estabelecendo currais e fazendas por todo o seu percurso, em especial com o advento da ocupação das minas que propiciou excelente mercado para a carne bovina produzidas nas fazendas da região do alto rio.

A segunda direção seguida pelas rotas expansionistas após atingido o São Francisco, é para o Norte. Aproximadamente no final do século XVII, com a transposição do rio São Francisco, inicia-se a ocupação, pelas fazendas do que atualmente corresponde ao interior do Estado do Piauí. Importante ressaltar que as fazendas de gado estabelecidas no Piauí posteriormente se transformarão nas mais de todo o Nordeste abastecendo com grande quantidade de gado o mercado consumidor da Bahia. Tal sucesso obtido tem uma explicação bem simples, pois a região do Piauí possuía condições naturais bem mais vantajosas que as encontradas originalmente na grande maioria do vasto sertão nordestino (mais chuvas, rios permanentes e uma pastagem bem superior). O desenvolvimento das fazendas de gado da região do atual Estado do Piauí torna-se-a mais uma importante etapa no desenvolvimento da pecuária no período colonial, pois se partindo desta localidade, o rio

Parnaíba será transposto e as fazendas irão estabelecer-se também na região do atual Estado do Maranhão.

As fazendas desta rota vindas do São Francisco vão se encontrar com aquelas outras que do litoral subiram pelo rio Itapicuru. O movimento expansionista da pecuária não parou no Maranhão, tanto que as fazendas também seguiram rumo ao leste ocupando a região do Ceará, mesclando-se com mais uma rota de expansão que acompanhando os caminhos próximos ao litoral, havia sido originada em Pernambuco. Desta forma, todo o interior nordestino será ocupado pelas fazendas de gado. Entretanto, esta ocupação encontra-se distribuída de modo muito irregular com fazendas e currais que ocupavam todo o interior do nordeste, mas muitas vezes distantes várias e várias léguas umas das outras. Flávio Guerra, a respeito da expansão pecuária no Nordeste, nos proporciona um breve, porém esclarecedor resumo de tal movimento das fazendas de gado:

A zona pastoril ia se alastrando por terras sem fim. Atingiu o alto do Itapicuru e o rio das balsas no Maranhão, alcançou os sítios do Piauí [...] em 1676 chegou ao Gurguéia e ao Paraim; após 1688, ao Parnaíba [...] alcançando o Ceará em 1681, com a ocupação do baixo Jaguaribe e no começo do próximo século alastra-se pelo vale acima em mais de oitenta léguas. No interior do Rio Grande do Norte, atinge primeiro o Açu, depois o Apodi e o Seridó, detendo-se nos contrafortes da Borborema, tudo depois de 1671 [...] entre 1688/1690, alcança a Paraíba [...] e finalmente, em Pernambuco, propriamente dito, inclusive as Alagoas, onde os currais começaram estabelecendo-se [...] entre os anos de 1658 a 1674...⁷

Portanto, foi deste modo que no início do século XVII, o sertão nordestino representava um vasto, inóspito e desconhecido território, pois além das intempéries as fazendas estavam sujeitas a outros perigos como ataques de animais e dos índios de várias tribos daquele imenso sertão. A saída do gado dos arredores dos engenhos tornou-se um

⁷ GUERRA, Flávio. Nordeste um Século de Silêncio. P. 32.

enorme benefício para a cultura da cana-de-açúcar evitando os conflitos entre criadores e cultivadores. As boiadas penetraram o sertão nordestino seguindo o curso de seu maior rio: o São Francisco, e essa trajetória foi marcada por conquista de terras para coroa portuguesa, conflitos com os silvícolas nativos e o fundamental desenvolvimento da pecuária. Assim, o rio São Francisco foi o marco da expansão da pecuária nordestina, pois além da sua função como elemento orientador, fornecia água e sal de suas barrancas. Foi a partir de seu vale que novas penetrações se realizaram permitindo novas rotas de expansão da pecuária para além do rio Parnaíba em direção a minas, Goiás e Mato Grosso, ou seja, o São Francisco é responsável por grande parcela do desenvolvimento pecuário da região central no período colonial.

1.2 A Pecuária na Região Central do Brasil.

Assim como no Nordeste, a zona açucareira foi de grande importância para o desenvolvimento da pecuária na região Central do Brasil, dando origem a primeira fase da grande criação de gado. Nesta região também os fatores da alimentação, transporte e trabalho foram fundamentais na relação da pecuária para com o ciclo de cana-de-açúcar, proporcionando a ambos os setores benefícios mútuos de fundamental importância.

A região Central do Brasil no período colonial teve como centro irradiador da criação de gado a capitania de São Vicente. Entretanto, recebeu algumas das rotas expansionistas que subiram o rio São Francisco e atingiram o interior das Minas Gerais. Deste ponto passaram para os vales do Tocantins e Araguaia e daí para os sertões goianos. A região do atual estado de Goiás tornou-se então ponto de partida para a penetração do gado nas regiões do Mato Grosso, onde se deu o encontro com o gado vindo da região de

vacaria e das possessões espanholas. Desta forma, ocorreu também o encontro dos rebanhos que vieram do São Francisco com os rebanhos que entraram em Sabarábuçu e no vale do rio das Velhas, introduzidos pela capitania de São Vicente. Na realidade pode-se considerar São Vicente, Bahia e Pernambuco como os primeiros e maiores centros irradiadores da pecuária para a região central e nordeste do Brasil. Deste modo à capitania de São Vicente foi provavelmente a região de origem do gado que povoou os campos de Curitiba e regiões circunvizinhas.

Outra etapa significativa do estabelecimento e desenvolvimento da criação de gado na região Central do Brasil ocorreu durante o denominado “surto minerador”. As minas de ouro e de diamantes foram descobertas na região de Goiás e Minas Gerais já em fins do século XVII. Isso atraiu para aquela região um grande número de pessoas de todo o tipo: paulistas, bandeirantes, aventureiros, homens de posse. A criação apressada de arraiais e vilas resultaram numa demanda de gêneros alimentícios, escassos no local, já que a maioria quase absoluta da população dedicava-se a mineração. Assim, nessa região criou-se um grande mercado consumidor. Os trabalhadores das minas em Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais eram abastecidos pelas fazendas do vale São Francisco e dos sertões do nordeste. Assim conectava-se o interior do Brasil com a região de minas. Porém verificou-se no início de 1700, grande alta nos preços do gado seguidos de iguais protestos dos senhores de engenho. Além disso, por esses caminhos de gado que ligavam o interior às minas ocorria o contrabando de ouro, prejudicando o pagamento dos quintos em consequência desses fatores, foi expedida em 1701 uma carta régia que ordenava o corte das comunicações entre as capitanias da Bahia e Pernambuco com a região das minas através dos sertões, com isso o fornecimento de gado para as minas foi cortado. Posteriormente essa determinação será relaxada permitindo-se que apenas gado passasse pelo caminho dos currais. Entretanto o fato

mais importante para a pecuária local ocorreu em 1703 através de outra carta régia.

Simonsen sobre o tema relata:

[...] A carta régia de 7 de maio de 1703 mandou que se dessem de sesmaria as terras dos campos das minas até a serra dos órgãos e mais próximas do Rio de Janeiro com a condição de cada donatário por um curral de gado dentro de três anos, no sítio que se lhe der, por entender que com a fertilidade dessas terras abundarão essas capitâneas em gado e a fazenda real terá um grande lucro nos dizimos.⁸

Todos esses acontecimentos tiveram importância fundamental no desenvolvimento da pecuária na região central do Brasil visto que sua consequência imediatamente direta foi à instalação de fazendas de gado em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Além do inquestionável estímulo proporcionando ao movimento pecuário na região do estado do Rio de Janeiro e arredores.

1.3 O Estabelecimento da Pecuária na Região Sul do Brasil.



A região Sul do Brasil somente fará parte da história política e administrativa do Brasil no final do século XVII. Porém economicamente essa participação do sul só ocorrerá na segunda metade do século XVIII.

Após a restauração⁹ em 1640 o monarca português procurou fixar as fronteiras da colônia, em especial as fronteiras do território meridional do Brasil. Deste modo Portugal tomará a iniciativa de reivindicar o território a leste do rio Paraná, entre o rio da prata ao sul e o paralelo 26º ao norte. Tomando posse, em 1680, de toda essa grande área, através de uma expedição oriunda do Rio de Janeiro, os portugueses fixaram uma consistente

⁸ SIMOSEM, Roberto C. História Econômica do Brasil. P. 158.

⁹ Portugal sofreu dominação castelha no evento denominado "união das coroas ibéricas (1580-1640)"

guarnição militar na margem setentrional do rio da prata bem próxima a Buenos Aires, localidade de domínio Espanhol. Essa é a origem da celebre colônia do sacramento (atual colônia, no Uruguai) alvo posterior de diversos conflitos entre portugueses e espanhóis. Os portugueses são derrotados e conseqüentemente perdem a colônia do sacramento¹⁰ todavia, todo o território anterior a ela, na direção norte, será incorporado ao Brasil. Após todos esses eventos uma corrente de povoadores, originária de São Paulo e região irá estabelecer-se neste território, o que propiciará o nascimento do atual estado do Rio Grande do Norte..

Os imensos campos da região Sul do Brasil, com suas vastas pastagens mais que apropriada para a criação de animais, aliados favoráveis fatores climáticos, tornar-se-ão condições indispensáveis para transformar a pecuária na base econômica da colonização do extremo sul do Brasil. A agricultura, embora presente, apenas aparecera em algumas terras próximas ao litoral. O gado na região Sul se multiplicará de maneira espantosamente rápida, isso foi possível sem nenhum tratamento especial dispensado pelos criadores, ou seja, o rebanho bovino crescerá quase que naturalmente, alcançando uma densidade populacional bovina inigualável se comparada às outras regiões de pecuária da colônia.

O gado no sul possui duas procedências: até o Paraná, o rebanho é originário de São Vicente (São Paulo); no Rio Grande do Sul a origem do gado vacum é controvertida. Uma das versões atribui aos jesuítas a introdução das primeiras cabeças na região, provavelmente de procedência castelhana. As primeiras missões jesuíticas foram fundadas no início do século XVII. Nelas os índios catequizados dedicavam-se a vários trabalhos entre os quais a criação de gado. A outra versão atribui a São Vicente o papel de cidade que originou o gado bovino do Sul. De acordo com uma lenda, sete vacas e um touro teriam

¹⁰ Tratado de Madri de 1750.

sido levadas de São Vicente para a região do Rio Grande do Sul por um certo gaeta.

Roberto Simonsen nos relata com mais riquezas de detalhes o conto das vacas de gaeta:

Na governação de Yrala (1556) trouxe o capitão, Juan de Salazar, sete vacas e um touro da Andaluzia para o Brasil, levando-as daqui por terra, seguindo provavelmente a mesma direção tomada [...] para o Paraná defronte da foz do Mondai. Ali construiu uma jangada para o gado, deixando um certo gaeta que o transportasse por água para Assunção, enquanto ele seguia por terra. Uns poucos de meses gastou na viagem a jangada, cujo Arrais recebeu em recompensa uma das vacas [...] a vaca de gaeta.¹¹

De qualquer modo é ponto pacífico a existência de gado em torno das missões, em virtude dos pastos planos e fartos, do clima ameno e da boa quantidade de água. Condições tão favoráveis proporcionaram a proliferação de grande quantidade do gado chamado “chimarrão”, isto é, gado bravio, não amansado. Tal gado tornou-se a base da alimentação do habitante da fronteira, o gaúcho. Misto de aventureiro e guerreiro. Nos períodos de paz, entre um conflito e outro tão freqüentes na região, o gaúcho comprava gado bravo, sobretudo para extração do couro, produto altamente rentável no comércio internacional. Este foi, no princípio, o principal negócio da região Sul do Brasil: a produção de couros. Os couros eram exportados em grandes quantidades, enquanto as carnes do animal eram praticamente desprezados, pois não havia um mercado consumidor intenso deste produto. Até o final do século XVII os couros constituíram-se na maior parte da exportação da região Sul posteriormente, com a decadência da pecuária nos setores do Nordeste que já não mais atendiam as necessidades do mercado consumidor, surge no Rio Grande do Sul a indústria da charque.¹² Em fins do século XVIII inicia-se no Sul do país a produção de charque em escala industrial. Com o tempo, a produção do charque passou a ser uma

¹¹ SIMOSEM, Roberto C. História Econômica do Brasil. P. 159

¹² A carne-seca, como é conhecida na região Sul.

atividade econômica mais rentável que a extração do couro que continuou a ser praticada em escala bem inferior. O charque era exportado de Pelotas para o exterior ou para todo o litoral brasileiro. Um grande número de trabalhadores era utilizado na charqueada. No sul foi introduzido sistematicamente o trabalho escravo, até então praticamente inexistente. Além do problema de mão-de-obra a indústria da charque enfrentou outra dificuldade que era a escassez de sal. Entre outros produtos derivados do gado e produzidos no sul temos, além de laticínios (queijo, manteiga), os subprodutos do boi (couro, chifres, unhas), a carne e o sebo (para fabricação de graxa e sabão). Outra característica no território meridional do Brasil, e característica essa, bem peculiar a região sul, é a criação de um rebanho de gado cavalariço e muar como animais de transporte e carga, ao contrário do que ocorria na região Nordeste onde para essa função era usado preferencialmente os bois. Mais uma peculiaridade da região Sul, que a diferiu do desenvolvimento pecuário do resto do país, diz respeito a formação das fazendas de gado, que nessa região foram denominadas, Estâncias. No final do século XVIII, as autoridades portuguesas resolveram colonizar definitivamente a região Sul, por isso, as autoridades em nome do rei de Portugal passaram a doar terras. Desta maneira constituíram-se as Estâncias, assentadas em enormes propriedades de terras. Neste período o gaúcho tornou-se o peão, isto é, o empregado da Estância. O processo de criação nas Estâncias era extensivo e não percebia-se muito aprimoramento técnico nem na lida com a reprodução do rebanho nem com as atividades ligadas a pecuária. Em comparação com as fazendas de gado no sertão nordestino, as Estâncias eram muito maiores em relação a extensão das terras. Os trabalhadores das Estâncias eram, em geral, poucos e livres, e quando havia necessidade, trabalhadores volantes eram contratados para só trabalhos estancieros.

2 A pecuária no Rio Grande do Norte colonial.

Alguns aspectos fundamentais a respeito da pecuária no Brasil durante o período colonial já foram discutidos e analisados. Observamos sua origem, desenvolvimento e características importantes da criação de gado nas regiões: norte, centro e Sul do Brasil colonial. Portanto, vamos nos deter um pouco sobre o tema da pecuária e sua relação com o nosso estado do Rio Grande do Norte. Entretanto, antes de traçarmos tal perfil faz-se necessário tecer um breve, porém significativo resumo sobre as origens das terras que após o advento das capitâneas hereditárias tornar-se a capitania do Rio Grande. É sabido que antes de Cabral, nossas terras foram visitadas por outros navegantes entre os quais Vicente Pizon e Alonso Hojeda. A posição geográfica favorável das terras do Rio Grande do Norte proporcionou, após a chegada de Cabral, um ponto estratégico para a passagem da primeira expedição enviada ao Brasil em 1501. Aportando no cabo de São Roque durante o mês de agosto, a expedição deixou em terras potiguares um marco que sinaliza a posse da terra por o de Portugal. Existem algumas discordâncias quanto ao comando dessa expedição. Alguns historiadores afirmam que Gaspar de Lemos foi o chefe da expedição enquanto outros admitem que o comando foi entregue a André Gonçalves e Gonçalo Coelho. Discussões à parte a parte, a importância do ocorrido reside no marco de posse portuguesa deixado em solo potiguar. Sobre ele, o historiador Luís da Câmara Cascudo descreve:

Chantou um marco de pedra lioz (...) tendo no primeiro terço a cruz da ordem de cristo em relevo, e abaixo a armas do rei de Portugal, cinco escudetes em cruz. Com cinco besantes em santor sem a bordadura dos castelos¹³.

¹³ CÂMARA CASCUDO, Luiz da. História do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro: edições Achiamé; Natal: Fundação José Augusto, 1984 p.33.

Após a posse da terra pelos portugueses, segue-se um período de relativo abandono até que em 1532 (devido entre outros fatores a falta de recursos humanos e financeiros, o que impossibilitava a Coroa Portuguesa de colonizar efetivamente o Brasil), quando foi instituído o sistema administrativo das capitanias hereditárias por D. João III. Desta forma, o Brasil é dividido em grandes lotes de terra que se estendiam do litoral até o limite do Tratado de Tordesilhas. Surge assim a capitania do Rio Grande, 100 léguas de terra que iam da Baía da Traição ao Sul até o rio Jaguaribe ao Norte. Essas terras foram doadas pelo rei português ao donatário João de Barros em parceria com Aires da Cunha, oficializadas através da Carta de Doação e do Foral, respectivamente documentos que especificavam os limites territoriais doados e seu destinatário e uma relação dos direitos e deveres dos donatários. Depois disso, em 1535 organizou-se uma expedição sob o comando de Aires da Cunha e na qual participavam os filhos de João de Barros. A expedição encontrou forte resistência dos índios Potiguares, que auxiliados pelos franceses, impediram os portugueses de aportar nas terras da capitania, então após naufrágio que culminou a morte de Aires da Cunha, com muito custo conseguiram retornar para Portugal. Outra expedição foi organizada pelos filhos de João de Barros por volta de 1555, esta segunda expedição teve destino semelhante ao da primeira. O fracasso dessas expedições impôs a capitania do Rio Grande à continuidade de seu abandono. Posteriormente, com a morte de João de Barros em 1570, a capitania deixou de ser hereditária e foi transformada em capitania da coroa.

O abandono da capitania do Rio Grande facilitou em muito as invasões estrangeiras que ocorriam com muita frequência, em especial os franceses, que aliados aos índios potiguares, contrabandeavam o pau-brasil existente no litoral. Após o advento do governo geral instituído no Brasil e da união das coroas ibéricas a conquista da capitania do Rio Grande passou a ser fundamental para o processo colonizador luso-espanhol. Assim, nos

anos de 1596 e 1597 foram expedidas duas cartas régias destinadas ao governador geral D. Francisco de Souza e aos capitães mores Mascarenhas Homem (Pernambuco) e Feliciano Coelho (Paraíba) e que determinavam além da conquista das terras da capitania, a fundação de uma povoação e a construção de um forte para defesa destas terras. São esses os primórdios que viriam a ser a cidade de Natal e a fortaleza dos Reis Magos. Uma nova expedição foi organizada para o cumprimento dessas cartas régias. Os portugueses investiram contra os invasores obtendo sucesso na empreitada. Após muitos conflitos os portugueses expulsaram os franceses e conseguiram pacificar os índios. Após esses eventos foi construído um fortim de madeira a 6 de Janeiro de 1598 denominado de forte dos Santos Reis e no ano seguinte em 25 de Dezembro de 1599 era fundada a cidade de Natal.

O início do processo de colonização da capitania do Rio Grande vai ocorrer a partir do final do século XVI, com o início da construção da Fortaleza e da fundação da cidade de Natal. Esse período é caracterizado por um vagaroso processo de desenvolvimento em que o povoamento e o cultivo da terra eram subordinados as precárias condições locais. Mariz Suassuna em sua obra “História do Rio Grande do Norte” a esse respeito afirmam:

As informações sobre essa fase [...] atestam a lentidão com que se estabeleceu a concentração de colonos brancos para um incremento de uma terra fraca para roçados e canaviais, com escassez de chuvas mais adaptável para a criação de gado, com abundancia de peixes e caças, e farta produção de farinha, milho e frutas silvestres¹⁴.

¹⁴ MARIZ, Marlene S. ; SUASSUNA, Luiz Eduardo B. História do Rio Grande do Norte. Natal: sebo vermelho, 2002 p. 39.

É também no início do século XVII que consolida-se o sistema administrativo da capitania. Esse século foi repleto de acontecimentos significativos entres os quais um dos mais importantes foi à invasão da colônia portuguesa pelos holandeses. Na capitania do Rio Grande o primeiro contato com os holandeses se deu em 1625 na Baía da Traição, pouco depois no final do ano de 1631 foi organizada uma expedição holandesa com intuito da conquista da capitania sem sucesso efetivo. Porém em 1633, organizou-se mais uma vez uma expedição flamenga que obteve êxito na conquista da capitania. Deste modo inicia-se o período de domínio holandês no Rio Grande que perdurará até 1654.

2.1 A origem da pecuária na capitania do Rio Grande.

Efetuada esse breve resumo dos princípios da historia da capitania do Rio Grande, atentemos, pois, para os primórdios das atividades econômicas da capitania antes de traçarmos descrições a cerca da origem da pecuária no Rio Grande. Subsistência é a palavra de ordem que caracteriza as primeiras atividades econômicas. A cultura da cana-de-açúcar ainda não havia obtido toda sua futura importância devido aos poucos núcleos de produção que por sua vez sofriam dificuldades em relação a aspectos naturais desfavoráveis existentes em nossa terra. A pesca, agricultura e a pecuária tornaram-se então nesse período inicial as atividades econômicas fundamentais das terras potiguares. É preciso lembrar que ainda havia comércio do pau-brasil explorado amplamente por invasores franceses e pelo próprio colono português.

A pecuária como já vimos possuiu um papel importante e peculiar durante o período colonial. Como atividade econômica, ao contrario da cana-de-açúcar, voltou-se para o mercado interno da colônia recebendo por isso relativo desprezo da metrópole. Porém, a

pecuária foi responsável pelo desbravamento e ocupação de grande parte do Brasil colonial. Assim, contribuiu enormemente para a interiorização do colonizador português no território brasileiro desbravando regiões inóspitas no Norte, Centro e Sul do país. E na capitania do Rio Grande a origem dos rebanhos de gado. Segundo a versão de Nunes Pereira em seu livro “A indústria pastoril do Rio Grande Norte” os rebanhos de gado surgem como um poderoso instrumento de conquista da terra e de fixação dos povos e assim como no restante do Brasil colonial, aqui no Rio Grande do Norte a pecuária serviu como marco desbravador dos sertões, quanto à origem dos rebanhos o autor afirma:

Quando o capitão da conquista, Mascarenhas Homem, veio dar cumprimento a carta Régia de 15 de março de 1597, no convés dos seus cinco navios e dos seus seis caravelões havia gado destinados a consumo e a fundação de currais. Jerônimo D’ Albuquerque [...] repartiu o seu esforço, provavelmente, no criar e ampliar o pastoreio, aquele tempo, obsessão generalizada entre os conquistadores¹⁵.

Entretanto, outra versão para inserção do gado na capitania do Rio Grande nos é apresentada pelo historiador Tarcísio Medeiros em sua obra “Proto-história do Rio Grande do Norte” na qual tecendo considerações a respeito da influencia recíproca dos elementos culturais existentes entre os índios potiguares e os franceses o autor cita:

O escambo comercial pacífico ocorria mediante a troca do que os franceses traziam de seu país, como objetos domésticos e daquilo que, precisando para manutenção, alimentação natural a que estavam acostumados, e para o trabalho. Dai por que trouxeram e introduziram o gado VACUM e animais de tiro. Em troca levando, de volta, toras de ibirapitinga (Pau-Brasil), plantas medicinais, algodão, pimenta, âmbar e belíssimas peles de animais silvestres. Somente assim se explica a abundancia de gado na região de Genipabu e em demanda da região verde do

¹⁵ PEREIRA, Nunes. A indústria pastoril no Rio Grande. 2ed. Mossoró: Esam. Fundação Guimarães Duque, 1980 p. 11.

Ceará-mirim, gado trazido da região da Normandia para os nossos campos. Daquela raça resistente originou-se o crioulo nordestino¹⁶.

Ainda de acordo com Tarcísio Medeiros, após 1598 depois da conquista portuguesa e a expulsão dos franceses, o gado era muito procurado para o abate no intuito de prover com carne, alimento necessário, a guarnição da fortaleza dos Reis. Aqui faz-se necessário um comentário pertinente sobre a afirmação de Tarcísio Medeiros quanto à origem do gado no Rio Grande do Norte. Ora, já vimos que a origem dos rebanhos de gado no Brasil é controversa, alguns estudiosos atribuem tal origem a Tomé de Souza, outros defendem que o gado brasileiro originou-se na capitania de São Vicente através de Martim Afonso de Souza (na realidade por iniciativa de sua esposa) por volta de 1535. Tarcísio Medeiros infla essa discussão ao afirmar que os franceses introduziram o gado na capitania do Rio Grande, antes do que a grande maioria dos historiadores afirmam. No entanto, deixando as versões e discussões um pouco de lado, observemos como ocorreu o desenvolvimento da pecuária na capitania do Rio Grande.

2.2 O desenvolvimento da pecuária na capitania do Rio Grande.

A estrutura do desenvolvimento pecuário no Rio Grande data após a conquista da capitania pelos portugueses frente aos franceses e indígenas. Segundos Nunes Pereira o esforço para criação do pastoril na capitania deveu-se a Mascarenhas Homem e Jerônimo de Albuquerque, quando doaram sesmarias para o cultivo e construíram o engenho de

¹⁶ MEDEIROS, Tarcísio. Proto-história do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro: Presença edições; Fundação José Augusto, 1985 p. 209.

Cunhaú, permitiram a fundação de currais de gado nas regiões vizinhas as sesmarias. Dessa forma a pecuária inicia-se de modo semelhante ao ocorrido no restante do Brasil. Como uma “Indústria” voltada para o consumo interno e não menos importante como ferramenta de conquista e povoamento das terras do Rio Grande. O gado existente na capitania podia ser encontrado em abundância nas terras que hoje correspondem ao município de Ceará-Mirim, daí espalhando-se para a zona do agreste até a região de Açu. De forma semelhante com o desenvolvimento das fazendas de gado do Nordeste, no Rio Grande essa expansão se deu com a posse das terras, através das sesmarias quando eram erguidos os currais, geralmente acompanhados por uma casa ou choupana bastante rústica. Normalmente para o início da criação segundo Nunes Pereira em sua obra “A indústria pastorio no Rio Grande do Norte” eram levados para esses currais um touro e três novilhas, base do futuro rebanho. Depois, tudo era entregue aos cuidados de um vaqueiro responsável por “tocar” a criação.

Um dos primeiros documentos a citar o trabalho com o gado bovino data de 1607, “a relação das causas do Rio Grande, do sítio e da disposição de terra¹⁷”. Acredita-se, publicado pelo Padre Serafim Leite. Nele estão descritos engenhos, milharais, roçarais, canaviais, pesca, atividade de cana-de-açúcar e um curral de Gado. Neste mesmo ano, os jesuítas conseguem obter do governo de sesmarias na região de Guajiru e justificam a fundação de dois currais no local afirmando que serviram para alimentar a população e os índios da pequena colônia instalada na sesmaria. Domingos da Veiga Cabral em relato sobre a capitania do Rio Grande faz menção à existência de Fazendas entre os anos de 1627 e 1628, nos arredores da cidade de Natal:

¹⁷ SANTOS, Paulo Pereira. *Evolução Econômica do Rio Grande do Norte: Século X ao XX*. Natal: Clima, 1994 p. 38-39.



Um quarto de légua da fortaleza está a povoação que chamam cidade do Natal. Tem uma boa igreja, porém a povoação é muito limitada, respeito dos moradores estarem e morarem nas suas fazendas onde tem muitos deles suas casas muito nobres¹⁸.

Haviam por volta de 1627 dois engenhos para o processamento da cana-de-açúcar produzida na capitania, um na várzea do Cunhaú e outro no Ferreiro Torto, Vicente Lemos sobre esse período afirma que naquela época bastante gado era criado, além disso, muita farinha e milho eram mandados para Pernambuco. Ainda a respeito das circunvizinhanças da cidade de Natal em relação à criação de gado, Adriano Verdonok afirmara em 1630: “Nesta região do Rio Grande há em grande quantidade e abundância de gado, em muitos lugares alguns porcos e em muitas galinhas, as pastagens são excelentes e os habitantes não tem outra riqueza senão o gado com o fazem muito dinheiro”¹⁹.

A próxima etapa do desenvolvimento pecuário na capitania se dará durante o período de domínio Holandês entre 1633 e 1654. Tarcísio de Medeiros afirma que os Holandeses tinham interesse em conquistar a capitania do Rio Grande desde 1630 devido à abundância de gado aqui existente. O autor também relata:

Já por ocasião da conquista em Dezembro de 1633, a primeira medida do comandante da expedição, a fim de abastecer a tropa, foi mandar prender, na região do Guajiru, mais de 1000 cabeças de gado. E mais tarde, Herman Watsen, no seu livro o domínio holandês no Brasil afirmaria que o maior fornecimento de reses para o consumo era feito pelos criadores do gado do Rio Grande [...] sem o Rio Grande, os soldados holandeses [...] ficaram condenados a morrerem de fome²⁰.

¹⁸ FILHO, Olavo de Medeiros. Terra Natalense. Natal: Fundação José Augusto, 1991. P. 63.

¹⁹ Ibid P. 171.

²⁰ MEDEIROS, Tarcísio. Proto-História do Rio Grande do Norte p. 213.

Segundo Tavares de Lyra quando a capitania do Rio Grande caiu sob domínio holandês já não era território desconhecido, tendo já desenvolvido a pesca do litoral e nos rios e a indústria da criação prosperava a passos largos por toda parte.

Maurício de Nassau e o Supremo Conselho afirmavam em 1638 que a situação da capitania era, em relação à criação de gado, de muita prosperidade. Nas palavras de Nassau:

Os moradores se ocupam principalmente com a criação de gado que ai existia em abundancia; a guerra a reduziu muito e fê-la selvagem, mas trata-se de amansá-la com toda diligencia e de levá-la aos currais. O Rio Grande já esta dando muito gado, que e conduzido, onde seve, quer para o corte, quer para trabalharem nos currais e engenhos²¹.

A partir do ano de 1638 em diante, aproveitando-se da fartura do gado aqui na capitania, o governo flamengo estabeleceu a captura e venda dos bovinos sem donos, soltos no mato. E incorporando o dinheiro dessas vendas ao tesouro Batavo como receita. Esse tipo de gado semi-selvagem que havia em grande quantidade aqui nas terras da capitania era assim denominado gado do evento ou “gado do vento” desde que após a conquista da capitania pelos portugueses foram soltos a própria sorte nos campos e pastagens potiguares. Foi em busca desse gado que os holandeses empreenderam diversas incursões nas localidades de curral de baixo, Genipabu e Guaviru até 1645 chegando a abater em torno de 20.000 cabeças de gado. Nunes Pereiras cita ainda, crítica feita por Tavares de Lyra a ação dos holandeses e indígenas nos episódios das tomadas dos engenhos de Ferreiro Torto e Cunhaú:

²¹ PEREIRA, Nunes. A Indústria Pastoril no Rio Grande do Norte. P. 15.

Além do ódio com que os invasores costumavam castigar a rebeldia do colono, havia uma razão a mais para essas horríveis carnificinas do Rio Grande [...] é que só no São Francisco e naquela capitania existiam campos de criação e compreende-se o interesse que tinham em defender [...] povoadas cerca de 20.000 cabeças de gado das possíveis incursões dos insurgentes²².

De acordo com a grande maioria dos historiadores o invasor holandês nada mais fez aqui no Rio Grande do que aproveitar as potencialidades e recursos da capitania. A região mais povoada e utilizada pelos holandeses foi o agreste, de Natal até Canguaretama e próximo aos rios mais importantes. Natal servia de ponto de embarque para os produtos que iam para o Recife, assim como na embocadura dos rios Pirangi, Camurupim e Barra do Cunhaú. Na realidade os flamengos contribuíram muito pouco ou quase nada para a capitania no aspecto econômico ou político-administrativo. Simplesmente conservaram a infra-estrutura de produção que aqui já existia e em nada se destacaram, exceto ao permitirem a continuidade (em usufruto próprio) das atividades que já existiram na região como o cultivo da cana e a criação de gado. Em resumo, os 21 anos de ocupação holandesa na capitania do Rio Grande para nossas terras pouco renderam. Muito pelo contrário, ao serem expulsos do Rio Grande, os Batavos deixaram atrás de si um rastro de destruição que é para nós relatado por Luís da Câmara Cascudo: “expulsos os holandeses, terminada a guerra, a capitania ficara devastada. A população quase desapareceu. Plantios, gados, destruídos. Os flamengos tinham incendiado as casas principais, queimando o livro de registro”²³.

Após a expulsão dos holandeses em 1654 a pecuária continuou sendo a atividade econômica mais significativa para a capitania, sobrevivendo até mesmo ao advento da

²² PEREIRA, Nunes. A Indústria Pastoril no Rio Grande do Norte. P. 14.

²³ CÂMARA CASCUDO, Luiz da. História do Rio Grande do Norte. P. 93.

denominada “guerra dos bárbaros” que eclodiu a partir de 1687, e durou até o ano de 1700 aproximadamente. Esse evento que perdurou mais de 20 anos envolveu não somente a capitania do Rio Grande, mas, também outras capitanias como Ceará, Pernambuco, Paraíba e Alagoas. De acordo com Mariz e Suassuna. As regiões de Paraíba, Ceará e Rio Grande eram o maior centro de resistência da rebelião indígena. Ali reuniam-se “sem um plano comum nem unidade de chefia [...] as tribos Aurucus, Paiacus, Icós, Icopinhos, Bulbis, Arius, Áreas, Pegas, Caracás, Canindés, Coremas, Caracarás e Bruxarás”²⁴. Nesse contexto conflituoso, a pecuária de certo modo foi uma das responsáveis pela deflagração da contenda. Isso ocorreu devido a expansão criatória que cada vez mais invadia o interior da capitania, conseqüentemente apossando-se das terras habitadas pelos índios, que por sua vez viam-se obrigados a migrar para outros locais. Somando-se a esses fatores, temos ainda a escravização dos indígenas que eram capturados pelos colonos para suprir a necessidade de mão-de-obra para a agricultura. Temos duas das principais causas das revoltas dos povos indígenas.

A “guerra dos bárbaros” causou diversos estragos tanto aos colonos quanto aos indígenas (puro eufemismo visto que a grande maioria das tribos indígenas foram dizimadas pelo colono português e seus comandados) afetando em muito a economia da capitania. Aproximadamente 30.000 cabeças de gado e 10.000 cavalos foram exterminados no conflito. Apenas para se ter uma noção de magnitude do evento. Entretanto, após o fim da guerra aos poucos a capitania, com o progressivo retorno dos rebanhos, retomou sua normalidade econômica. Terminado o conflito inicia-se o processo de repovoamento da capitania. Regiões como o Seridó começam a receber colonos no final do século XVII, vindos de outras da Paraíba de Pernambuco e de outras localidades do Rio Grande. Esse re

²⁴ MARIZ, Marlene S; SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão. História do Rio Grande do Norte. P. 96

povoamento do Seridó inicia-se após a dizimação dos grupos indígenas. Os colonos trouxeram consigo rebanhos de gado conhecido das margens do rio São Francisco que vão encontrar a leva de gado do litoral em demanda da região do rio Açu. Desta forma o gado foi o elemento fundamental que propiciou o povoamento da terra seridoense. Uma fonte de riqueza natural que vai garantir as condições de vida e oferecer bases para um processo de exploração comercial. Esta é praticamente uma aurora da história seridoense a qual abordaremos mais aprofundadamente mais adiante.

Faz-se necessário um esclarecimento a respeito do povoamento da capitania do Rio Grande. Apesar do período conflituoso que foi o final do século XVII com os levantes indígenas, vários “bolsões” de povoamento se originaram com a ida de colonos para o interior da capitania mesmo antes de se iniciarem os conflitos com os índios. No Rio Grande os capitães mores já haviam dado muitas terras devido a necessidade de povoamento. Essas terras inicialmente ocupadas no litoral foram sendo concedidas cada vez mais para o interior. Os colonos requeriam essas terras afirmando serem “devolutas e desaproveitadas” mesmo sabendo da presença indígena nas mesmas. Fátima Martins Lopes em seu livro “índios, colonos e missionários na colonização da capitania do Rio Grande do Norte” nos fornece exemplo sobre o tema. Em 1676 os requerentes de terras na ribeira do Açu pediam para cada um cinco léguas por seis de largura nas margens do rio Açu, eis sua justificativa:

...tem suas criações de gado vacum e cavaladuras e não tem terras suas onde a podes acomodar e de presente tem descoberto no sertão desta capitania por onde corre o rio Assinum (Açu) muitas terras devolluptas e desaproveitadas que nunca foram povoadas, por estarem em poder do gentio brabo donde elles suplicantes se

podem acomodar cõ as criações de seus gados sendo em aumento da fazenda real e serviço de sua alteza povoarece as terras que estão devolluptas...²⁵

Desta forma foram sendo ocupadas gradualmente as terras da capitania nas ribeiras dos grandes rios (Açu, Acauã, Apodi) e outras regiões (Seridó) alcançando os limites da capitania na ribeira do Jaguaribe. É assim que já no início da década de 1680 o sertão riograndense possuirá muitos currais de gado espalhados por quase todo seu território, porém, o povoamento da capitania do Rio Grande somente será consolidado no século XVIII.

O século XVIII foi por excelência o século da efetivação e consolidação do povoamento no interior do Rio Grande. Através da concessão de sesmarias muitos colonos instalaram currais e fazendas de gado apesar de todos os obstáculos sofrido desde as condições inóspitas dos sertões até o conflito com os povos indígenas. Por tanto serão estes currais e fazendas que originarão muitas das cidades e municípios existentes hoje no Rio Grande do Norte. Tarcísio Medeiros nos fornece significativo resumo sobre o povoamento da capitania no início do século XVIII:

O século XVIII é a época do povoamento efetivo do interior norte-riograndense. [...] imigrantes vindos do reino ou das ilhas em busca de ambicionadas riquezas, oficiais que se tinham retirado do serviço ativo, empregados que deixavam suas funções, praças que tinham pertencido as forças regulares, negociantes e lavradores, sobretudo, criadores de gado, seduzidos pelas excelentes pastagens, existentes no sertão, começaram a entrar na formação da capitania elevando sua cultura e seu nível moral²⁶.

²⁵ LOPES, Fátima Martins. Índios, colonos e missionários na colonização do Rio Grande do Norte. Mossoró: fundação Vingt-un Rosado. IHGRN, 2003. p. 131

²⁶ MEDEIROS, Tarcísio. Aspectos geopolíticos e antropológicos da historia do Rio Grande Norte. Natal: UFRN imprensa universitária, 1973 p. 57.

Na região do Açu, por este período, Manoel Fiugueira de Carvalho que foi capitão-mor de infantaria das ordenanças do distrito de Açu. Trouxe consigo, vindo do rio São Francisco muitas cabeças de gado. Outros colonos seguiram seu exemplo trazendo rebanhos de Ceará e outras capitanias para instalarem-se no sertão do Rio Grande. Como já foi dito duas correntes de rebanhos de gado encontram-se na região do Açu. Uma vinda das margens do São Francisco e a outra que havia subido do litoral. A confluência dessas duas correntes vai intensificar significativamente o povoamento do interior, em especial pelo interesse da pecuária.

Outra região onde desenvolveu-se o povoamento foi a do Apodi. A princípio com a instalação de uma missão pelos jesuítas em 10 de janeiro de 1700, contribuindo assim, para a formação econômica dessa região praticando a agricultura e a criação de gado no recém fundado no aldeamento. Daí em diante a região prosperará progressivamente e Câmara Cascudo nos dá prova disso ao afirmar:

A ribeira do Apodi, na última década o século XVIII [...] produzia 56.640 alqueires de farinha nas freguesias de Apodi, Porta Alegre e Pau dos Ferros. O rebanho bovino é que se desenvolvia normalmente, criando-se desde longos anos, a indústria das carnes secas em Mossoró e Açu, tornando-se famosos os postos das oficinas de carnes, ou simplesmente, oficina, à margem do mesmo rio²⁷.

Temos ainda em Jardim de Piranhas, vestígios da presença do homem branco da região demonstrada através de uma pedra de fundação datada de 20 de julho de 1710. Finalmente a região do Seridó, como já dissemos, iniciou seu repovoamento no final do século XVII, efetivando-se devido a necessidade econômica de se encontrar terras apropriadas para a criação de gado. Os primeiros sesmeiros vieram para a região do Seridó

²⁷ CÂMARA CASCUDO, Luis da . História do Rio Grande do Norte. P. 114.

vindos de Pernambuco e da Paraíba. Sobre esse fato Tarcisio Medeiros, citando D José Adelino Dantas (Homens e fatos do Seridó) informa: “o português que para aqui veio era da melhor estipe. Não veio sozinho. A Borborema derramou no Seridó muita gente vinda de Pernambuco, da Paraíba e até da Bahia. Raça forte para colonizar uma terra forte”²⁸.

Exemplo típico desse processo de povoamento pode ser observado na obra de Nunes Pereira quando este autor nos relata a origem do atual município de Currais Novos em meados do século XVIII; apropriando-se por sua vez dos relatos de Tavares de Lira:

No recôncavo da serra de S. Ana, o capitão-mor Galvão obteve uma data de sesmaria, fixou residência e fundou uma grande fazenda de gado, na bifurcação de dois rios que desciam a montanha: homem de certo gosto [...] requintou nos currais de pau a pique, feitos de troncos d'aroeira bem aparados que adquiriram logo vasta nomeada [...] Currais Novos ficou denominada a fazenda, depois a capela, o povoado, o município, a comarca e a cidade [...] consagrando-se simbolo do desenvolvimento pastoril daquela região²⁹.

Torna-se então absolutamente claro que povoamento da capitania esteve intimamente ligada a pecuária e essa criação de gado em larga escala proporcionou a capitania um grande desenvolvimento que será expresso claramente no denominado ciclo do couro. A população achava-se bem mais disseminada chegando até mesmo aos pontos mais distantes da capitania. No início do século XVIII a capitania do Rio Grande era subordinada ao governo da Bahia passando depois a ser subordinada a de Pernambuco³⁰. Natal era o único município existente, depois com o êxito do processo de povoamento acrescentou-se a capitania: São José do Mipibu, Vila Flor, Extremoz, Arez, Vila do Príncipe, Vila do Regente e Vila Nova da Princesa. Compreendendo as freguesias de Goianinha, Apodi e Pau dos Ferros.

²⁸ MEDEIROS, Tarcisio. Aspectos geopolíticos e antropológicos da historia do Rio Grande do Norte. P. 57.

²⁹ PEREIRA, Nunes. A industria pastoril do Rio Grande do Norte. P. 22-23

³⁰ Carta Régia de 11 de janeiro de 1701.

Foi desta forma e a zona pastoril estendeu-se por toda capitania ocupando as terras mais longínquas nos limites do Rio Grande, infiltrando-se no interior, atingindo primeiramente a região do Açu e ribeira do Upanema. Em seguida expandindo-se para o Apodi, e depois para o Seridó detendo-se apenas aos contra fortes da Borborema. Mariz e Suassuna resumem a importância da pecuária na formação do Estado do Rio Grande do Norte ao afirmarem que “o desenvolvimento da criação legou a capitania o perfil de uma região caracteristicamente pastoril, criando o que Capistrano de Abreu chamou de época do couro. A sociedade norte-riograndense consolidava-se no modelo tradicional patriarcalismo, firmada no trabalho da pecuária e da agricultura. A capitania atravessava um período de franco desenvolvimento, atribulado, apenas, nos anos de estiagem que prejudicavam suas plantações”³¹. Após nos concentrarmos a cerca da origem e desenvolvimento da pecuária na capitania do Rio Grande voltemos nossos olhares para como se deu esse processo de desenvolvimento especificamente na região do Seridó.

³¹ MARIZ, Marlene S; SUASSUNA, Luis Eduardo B. Historia do Rio Grande do Norte. P. 118.

3 A pecuária na origem e no processo de repovoamento da região do seridó.

O repovoamento da região do Seridó remete-se ao início do conflito denominado pelos historiadores como “guerra dos bárbaros”. Ao final da guerra com holandeses, fez-se necessário que a capitania organizasse sua rotina econômico-administrativa. Com a expansão da faixa litorânea inicia-se a penetração dos criadores rumo ao interior da capitania, nesse processo muitos foram os índios escravizados enquanto eram fundados diversos currais nos caminhos para o sertão. Desta forma a penetração das fazendas de gado foi provavelmente um dos fatores que ascendeu o estopim que deflagraria o conflito com os silvícolas. Nunes Pereira a esse respeito nos relata:

Rebelados, os índios da ribeira do Assu foram [...] os mais tremendos destruidores da gadaria que principiara a multiplicar-se, conduzindo-se de maneira a levar o senado da câmara de Natal a escrever ao capitão geral de Pernambuco, João da Cunha Souto Maior, solicitando apoio. Nestes termos (23-2-1687): vimos pedir com a maior brevidade socorro pelo risco em que nos achamos diante da rebelião dos índios Tapuios, que no Sertão do Assu já tem morto perto de cem pessoas, escalando os moradores, destruindo os gados³².

No Seridó, o conflito se faz presente principalmente na região do Acauã (município de Acari) onde foi travado um dos mais sangrentos combates entres Brancos e Índios. As tropas destacadas para aquela região chegaram no final do ano de 1687 comandadas pelo coronel Antônio de Albuquerque da Câmara. A essas tropas reuniram-se contingentes vindos de Pernambuco e da Paraíba. Na Ribeira de Acauã foi construída a casa-forte do Cuó sob responsabilidade do mesmo comandante e que serviu de base para a resistência dos

³² PEREIRA, Nunes. A indústria pastoril no Rio Grande do Norte. P.28.



colonos contra as investidas Tapuias naquela região. Olavo de Medeiros Filho em seu livro “Índios do Açu e Seridó” afirma que “através de documento existente no Instituto Histórico e Geográfico do RN pode-se verificar que a casa-forte do cuó foi erguida no rio Acauã. Na descrição do cerco daquela fortificação afirmava-se que grupos de índios vinham descendo o rio Acauã e o seu riacho (o Seridó)³³. Portanto o Cuó localizava-se em ponto baixo da confluência do Acauã com o riacho do Seridó³⁴. Neste local encontravam-se três poços de água permanente, conhecidos tradicionalmente como poço de Santana, fonte de água abundante para os habitantes do futuro arraial que seria fundado a pedido do senado da câmara de Natal, por carta a o rei de Portugal em 28 de agosto de 1692; “se formem quatro arraias a saber: Jagoaripe, Assu, Acauã e Corimatahu” deste modo, Acauã só poderia ser o local onde foi erguida a casa-forte do Cuó³⁵. Com o final da guerra dos Bárbaros e conseqüentemente extermínio dos índios, os primeiros desbravadores chegaram ao Seridó vindos da Paraíba e Pernambuco (Goiana e Igarapé). Entretanto, as primeiras datas de terra concedidas na região do Seridó e registradas nos livros da capitania do Rio Grande do Norte são do ano de 1676 e dizem respeito exatamente as terra do Acauã. A concessão data especificamente de 3 de março de 1676 e sua extensão inicia-se a partir da Barra do rio Acauã aproximadamente quinze léguas em quadra. Os beneficiários dessa concessão foram Teodósio Leite de Oliveira, Teodósiã dos Prazeres e Manoel Gonçalves Diniz. Em 1679 outras datas referentes ainda a Acauã e a Serra do Trapua foram concedidas a Luis de Souza Furna, Antônio de Albuquerque da Câmara (o comandante das tropas que iriam enfrentar os índios), Lopo de Albuquerque da Câmara e Pedro de Albuquerque da Câmara. Estas primeiras doações de terras profundamente ligadas a origem e povoação da região do

³³ Acreditava-se, naquele período, que o rio Seridó era apenas um riacho ligado ao rio Acauã.

³⁴ FILHO, Olavo de Medeiros. Índios do Açu ao Seridó. Brasília: senado federal, centro gráfico. 1984, p. 141.

³⁵ Ibid. p. 142.

Seridó tal qual dito estará absolutamente relacionado ao desenvolvimento pecuário. Como já foi visto, a história territorial da capitania está toda gravada nas sesmarias e datas de terras doadas aos que aqui vieram povoar e fixar-se, e esses documentos revelam um objetivo único por parte dos colonos: a obtenção de terras para acomodar seus rebanhos de gado. No Seridó, o movimento povoador surgiu em sua totalidade da necessidade econômica de encontrar lugar apropriado para instalação de fazendas de gado.

Da mesma forma que em outros locais sesmeiros e donos de terras seridoenses tomavam posse da terra e dirigiam as fazendas através de vaqueiros e procuradores, estes por sua vez, devido aos ganhos proporcionados pelo gado tornar-se-iam, muitos deles futuros fazendeiros. Ora, é tradicionalmente sabido que de quatro a cinco bezerros nascidos sob a guarda do vaqueiro, um lhe pertencia como forma de pagamento. Deste modo, não raro em pouco tempo alguns vaqueiros possuíam um considerável número de cabeças de gado o que também não raro, proporcionava-lhes condições de iniciar sua própria criação. Portanto, levando-se em consideração estes fatores é apropriado afirmar que a pecuária foi o elemento econômico fundamental que originou e desenvolveu o processo de repovoamento do Seridó, como também de outras regiões do Rio Grande do Norte. O vaqueiro tornou-se assim figura indispensável visto que, logo no início a maioria dos proprietários residia no litoral e somente visitava suas fazendas de vez em quando. Os cuidados com a gadaria exigiam muita dedicação e tempo do vaqueiro e muito embora fossem na sua maioria tarefas simples, havia um cuidado especial por parte do vaqueiro. Assim, impedir que o gado se perdesse nos sertões, fosse atacado por feras (onças) e zelar para que o rebanho não adquirisse nenhuma doença eram as principais tarefas dos vaqueiros. Ainda sobre o tema, Manoel Correa de Andrade nos relata:

O vaqueiro providenciava a construção de cacimbas durante a seca e a condução do gado aos bebedouros, assim como cortava a 'ramas' a cactácea e a macambira, alimentos que mitigavam a fome dos animais nos meses secos, quando não haviam mais pastagens. Fiscalizava no campo, ferrava, 'assinalava', benzina em caso de doença e amansava bois e burros³⁶.

As primeiras famílias instaladas na região do Seridó datam após o ano de 1720, pois as inóspitas condições dos sertões antes dessa data não permitiram a fixação dessas famílias, comportando dessa forma apenas vaqueiros solitários concentrados na lida com o gado. José Augusto registrou em sua obra as principais famílias seridoenses que povoaram o sertão do seridó naquele período. De acordo com o autor:

O fundador da família no Seridó foi, há mais de dois séculos, Tomás de Araújo Pereira, casado com Maria da Conceição Mendonça, [...] já em 1734 Tomás de Araújo Pereira pedia e obtinha uma data de terra no Seridó, para fundação de uma fazenda de gados, data que foi concedida na capitania da Paraíba, no governo de Francisco Pedro de Mendonça Gurjão³⁷.

Assim origina-se uma das mais tradicionais e antigas famílias do Seridó se não amais antiga: a família Araújo. Juntamente com a família Araújo, outra família de renome no Seridó é a família Dantas. A origem dessa família no Seridó data do século XVIII, na fazenda Picos de Cima no Acari, onde Caetano Dantas Correia, vaqueiro, fixou-se com seus parentes. Outra família tradicional seridoense é a dos Azevedo Maia. Estabelecida no Seridó através de Antônio Azevedo Maia que fundou uma fazenda nas terras que atualmente pertencem ao município de Jardim do Seridó. Segue-se a família Batista que

³⁶ ANDRADE, Manoel Correa de. A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 5ed. São Paulo: Atlas, 1986. p. 121.

³⁷ MEDEIROS, José Augusto Bezerra de. Seridó. Brasília: Senado Federal. Centro gráfico, 1980, p. 75-76.

teve seu tronco inicial em João Batista dos Santos residente também no Jardim do Seridó. Os Medeiros são também família muito tradicional no Seridó, vindos de Portugal no início do século XVIII, montaram residência nas margens do rio Quipauá (Paraíba) de onde os irmãos Rodrigo e Sebastião Medeiros saíram para as terras do Seridó originando o tronco local da família. Há ainda a família Lopes Galvão, família de descendência numerosa nos municípios de Currais Novos e Acari. José Augusto ainda lista outras famílias igualmente tradicionais nos sertões seridoenses entre as quais as famílias Bezerra de Menezes, os Fernandes Pimenta, os Pereira Monteiro e a família Nóbrega entre outras cuja fixação nos sertões seridoenses em muito contribuíram para o povoamento e desenvolvimento daquela região.

Já fora citado que 1692 foi solicitada a fundação do arraial do Acauã. Porém, esta somente foi atendida oficialmente em 1700. Essa foi a origem da atual cidade de Caicó que seria fundada 35 anos depois. Maria das Dores Medeiros, sobre a fundação de Caicó, sucintamente comenta: “a povoação de Caicó foi instalada solenemente no dia 07 de julho de 1735, na fazenda Penedo, as 07 horas da manhã pelo coronel de cavalaria Manoel de Souza Forte, em nome do rei de Portugal e do vice rei do Brasil”³⁸.

Por volta de 1749, na serra de Santana, o capitão-mor Galvão fundou uma grande fazenda de gado onde fez moradia com sua família dando origem a mais um futuro município da região do Seridó. “homem de certo gosto para a vida da época, requintou nos currais de Pau a pique, feitos de troncos D’arroeira bem aparados que adquiriram vastas nomeada, a ponto de virem gentes de longe só pra ver os currais novos do capitão-mor. Esta é a origem da cidade de Currais Novos narrada nas palavras do Manoel Dantas”⁴¹. A partir

³⁸ MEDEIROS, Maria das Dores. Seridó Antigo História e Cotidiano. Caicó (RN): [s.n]. 1994. p.45.

⁴¹ PEREIRA, Nunes. A Indústria Pastoril no Rio Grande do Norte. P.22.

de então nestas localidades foram se instalando alguns núcleos de repovoamento que tornariam-se a base dos atuais municípios da região do Seridó a saber: Caicó, Acari, Florânia, Jardim do Seridó, Jucurutu, Parelhas, Currais Novos e outros mais.

Após a expansão do repovoamento da região no início do século XVIII, o Seridó terá sua emancipação administrativa em 31 de julho de 1788 por um alvará e criará o município de Vila Nova do Príncipe. Na mesma ocasião e com esse mesmo documento, originaram-se os municípios de Vila Nova da princesa (Açu) e Vila Nova da Rainha (Campina Grande). José Augusto transcreve um trecho da carta do Governador de Pernambuco autorizando o ouvidor geral a criar a vila do Seridó, juntamente com os outros dois municípios:

[...] pela faculdade que s.m me permite na real ordem de 22 de julho de 1766 de que remeto cópia, concedo a vossa mercê faculdade para erigir em vilas as povoações dos currais que se denominará vila Nova da Rainha, a povoação do Seridó, vila Nova do Príncipe e a povoação do Açu, vila nova da Princesa⁴⁰.

A partir do final do século XVIII e início XIX, com o crescente desenvolvimento do Seridó nos âmbitos político, social, econômico e demográfico e após o surgimento de diversos núcleos populacionais significativos alguns outros municípios sobressairam-se e obtiveram o desmembramento. Inicialmente Acari, depois Jardim do Seridó e Serra Negra, durante o período monárquico, Currais Novos, Flores (Florânia), Jucurutu e Parelhas depois da proclamação da república.

Uma característica peculiar ao povoamento da região do Seridó (bem como dos sertões Norte-rio-grandenses) relacionada ao desenvolvimento pecuária Refere-se a como

⁴⁰ MEDEIROS, José Augusto Bezerra de. Seridó. p. 16.

se deram às relações de trabalho naquela época, entre os proprietários, vaqueiros e escravos. Em primeiro lugar os fazendeiros proprietários de terras estavam acostumados ou pelo menos conheciam os rudimentos do trabalho com o gado. Normalmente todos os homens, muito cedo, iniciavam-se no pastoreio na cavalgada, Na apartação, ordenhamento e outros lides característicos da pecuária. Esse envolvimento com as atividades pastoris aproximou o senhor, proprietário de terra, dos vaqueiros livres e escravos. Outro fator que contribuiu para essa aproximação foi o de que a pecuária não era uma atividade voltada para o mercado externo, possuía baixa rentabilidade, portanto, naturalmente necessitava de muito pouca mão-de-obra o que tornava desvantajoso e até desnecessária a utilização de escravos. Em resumo, a quantidade de escravos nos sertões jamais aproximou-se do contingente que, localizado no litoral, era utilizado na produção açucareira. Entretanto deve-se ter cuidado ao imaginarmos que os negros escravos utilizados no regime pastoril dos sertões recebiam um tratamento melhor que os seus irmãos do litoral. São duas perspectivas diferentes influenciadas por múltiplos fatores e diversos aspectos, variantes. O sertão e a própria natureza do trabalho pecuário determinavam outras condições no tratamento dos poucos escravos que os proprietários de gado e terras possuíam. Sobre esse aspecto Muirakytan Kennedy de Macêdo em sua dissertação, “a penúltima versão do seridó”, nos relata:

Haveria certamente uma maior plasticidade no trato dos escravos, senão o campo aberto e pouco povoado seria por demais sedutor para inspirarlhes constantes fugas. No entanto, é preciso ter cautela, a mão-de-obra negra foi imprescindível no trato pasttoril, e não foi incompatível com o trabalho escravo, e se integravam na sociedade escravista da época⁴¹.

⁴¹ MACEDO, Muirakytan Kennedy de. A Penúltima Versão do Seridó: espaço e historia no regionalismo seridoense. Natal: [s.n], 1998, (dissertação de mestrado em Ciências Sociais-UFRN) p.32.

Outro aspecto “positivo” encontrado no âmbito da escravidão no sertão ocorria em relação à compra da liberdade do escravo. É sabido que ao escravo era possível a compra de sua liberdade e se este fosse vaqueiro a facilidade era muito maior e a libertação com bem mais frequência. No seridó o número de escravos que conseguiram sua liberdade é bastante significativo. Além disso muito deles recebiam pagamento em moeda corrente e algumas cabeças de gado o que permitia uma condição de vida razoavelmente melhor para estes libertos. Muirakytan Kennedy de Macedo afirma, sobre a quantidade de escravos, que a mesma variava de acordo com as atividades a que seus senhores se dedicavam, o autor continua:

No seridó entre 1754 e 1875 o número de cativos oscilava de uma a trinta e duas ‘peças’ por proprietário. Assim, os pecuaristas contavam com o menor número deles. Aqueles que além do trabalho pastoril ainda se dedicavam a agricultura possuíam-nos em maior quantidade⁴².

A Vila do Príncipe em 1855 possuía uma população de escravos estimada em aproximadamente 2.179 negros cativos de um total de 15.921 habitantes, ou seja, a quantidade de escravos era mais ou menos seis vezes menor do que a quantidade de pessoas livres.

3.1 O desenvolvimento da sociedade seridoense do século XVIII.

No início do século XVIII a vida urbana praticamente não existia nos sertões do Seridó. Os únicos focos de população que existiam eram povoados de Caicó, Acari e

⁴²MACEDO, Muirakytan Kenned de. A penúltima versão do Seridó: espaço e história no regionalismo seridoense. p. 34.

fazendas circunvizinhas a essas localidades. Caicó, como já foi dito, originou-se do arraial surgido com a casa forte do Cuó⁴³. Desde os tempos de conflito generalizado com os indígenas. Em 1735 foi elevado a povoação e posteriormente, em 1788 recebeu status de vila. Quanto a Acari, apenas em 1835 pôde ser desmembrada de Caicó tornando-se vila. Nesses lugarejos não havia nada que lembrasse um mínimo traçado urbano, apenas algumas casas que mantinham relativa distância uma das outras. A construção da matriz será o ponto de partida para que a povoação crescesse um pouco. Novas casas foram construídas ao redor da igreja deixando o povoado caicoense com um aspecto vagamente urbano. A vida urbana no Seridó firmou-se muito lentamente acompanhado os caminhos da pecuária que anteriormente proporcionara o surgimento dos núcleos de povoamento. Apenas no final do século XVIII a povoação de Caicó torna-se vila (especificamente em 1788), quanto as outras localidades habitadas, progressivamente vão alcançando o status de vila, porém isso só ocorreria apenas no século XIX. Acari, por exemplo, tornou-se vila em 1835, seguida pouco depois por Jardim do Seridó que era a antiga povoação da Conceição do Azevedo, e tornou-se vila em 1858. Em 1874 é a vez de Serra Negra originada da fazenda Homônima. Currais Novos tornar-se-i-a vila em 1891 e o antigo povoado de Flores, 1890, será elevado a condição de vila com o novo nome de Florânia. Foi desta forma que ocorreu o desenvolvimento das cidades do Seridó, em um processo que iniciou-se no final do século XVIII e prosseguiu durante todo o século XIX.

Durante esse processo de crescimento o Seridó foi fixando seus limites. No entanto, tal desenvolvimento causou algumas discordâncias entre as capitâneas do Rio Grande e Paraíba. A crise iniciou-se com a elevação do arraial de Caicó (Queiquó) a povoação em 1735 e depois com a nomeação da mesma a sede da freguesia em 1748. Os limites do

⁴³ O arraial instalado no Acauã em 1700 também era denominado Queiquó.

território seridoense eram por ambas as províncias visto que o Seridó na época em que foi delimitado abrangia terras do norte da capitania da Paraíba e sul da Capitania do Rio Grande. Muirakytan Macêdo relata:

O processo de encampamento da parte Potiguar [...] tinha dado a este território uma feição dúbia, pois estava assentado parte sob domínio Potiguar. No caso da vila, e parte adentrando-se na Paraíba, no caso da freguesia que desmembrara-se da freguesia do Piancó, que sobre a porção do Seridó exercera sua administração espiritual⁴⁴.

Será esse conflito entre as províncias do Rio Grande do Norte e da Paraíba que proporcionará o delineamento dos limites atuais da região Seridó. Analisados alguns aspectos sobre a origem, povoamento e desenvolvimento das terras seridoenses, vamos voltar nossos olhares para algumas características marcantes do sertanejo seridoense, riquíssima fonte de costumes e tradições advindas da influência do colonizador Português mescladas as heranças e afro-brasileiras deixadas nos sertões pelos nossos Silvícolas nativos e pelos não muito numerosos escravos que por lá estiveram.

3.2 A religiosidade nos Sertões do Seridó nos séculos XVII e XVIII.

A vida religiosa do sertanejo seridoense, inicialmente não foi muito expressiva. Suas atividades limitavam-se as novenas realizadas nos dias santos, a reza do terço normalmente ao anoitecer e as devoções domésticas a santos e outras representações da Igreja Católica. Porém, tais atividades eram efetivadas com um fervor religioso impar,

⁴⁴ MACEDO, Muirakytan Kenned de. A penúltima versão do Seridó: espaço e história no regionalismo seridoense. p. 64.

acompanhado de um maior ainda sentimento de respeito pelas “cousas de Deus”, esperança do homem sertanejo em obter alívio espiritual e bênçãos divina para ajudá-lo em suas difíceis jornadas diárias de trabalho com o gado e com a lavoura. Os ritos da igreja eram ministrados por padres que só eram efetuados nos sertões quando os mesmos passavam por lá muito raramente, vindos da distante Paraíba (freguesia do Piancó). Com o desenvolvimento populacional da região do Seridó aumentou a necessidade de construções apropriadas para a celebração dos ritos católicos. Assim, três capelas foram instaladas nas terras seridoenses. A primeira no arraial de Caicó (Queiquó) no ano de 1700, a segunda foi erigida na fazenda Serra Negra em 1735 e no mesmo ano uma terceira igreja foi construída no Acauã (Acari). Posteriormente surgiu a freguesia do Seridó desvinculada da freguesia do Piancó em 1747. A padroeira escolhida foi Santana e a matriz da freguesia do Seridó foi instalada no Caicó. Deste modo, em 1748 a freguesia da gloriosa senhora Santana do Seridó foi oficialmente estabelecida para atender a região seridoense. Vinte e três anos depois, em 27 de dezembro de 1771, seria fundada a irmandade dos Negros do Rosário, representando a cultura e tradição sócio-religiosa afro-brasileiro. A igreja possuía as prerrogativas comuns a todas as outras estabelecidas nas terras potiguares, a ela cabia o registro do nascimento das crianças, a homologação dos casamentos, o cuidado com os processos de óbitos e ainda presidia a abertura de testamentos (especialmente se a instituição fosse contemplada no documento) entre outras funções.

Em resumo a instituição religiosa confundia-se com as civis, os ritos religiosos misturavam-se com os expedientes civis. Além disso, foi nos arredores das igrejas que se concentrou a construção de casas e o conseqüente aumento dos traçados urbanos das vilas e povoações, originando assim, os primórdios na urbanização nos sertões da região Seridó.



3.3 Aspectos culturais dos sertões seridoenses.

A pecuária, já o dissemos foi fator indispensável e determinante para o repovoamento e desenvolvimento da região do Seridó potiguar. Obviamente todo o complexo cultural surgido naquela região teve uma profunda influência advinda dos currais e fazendas de gado, em fim da indústria pastoril. Muitas e variadas foram às heranças culturais deixadas ao sertanejo seridoense pelos seus antepassados, tantas que somente elas já seriam tema suficiente para outros trabalhos (como de fato já ocorreu). Portanto, nos portamos agora para conhecer alguns aspectos vastíssimos da cultura sertaneja seridoense.

O primeiro deles diz respeito à moradia do homem sertanejo. Durante todo o século XVIII predominou na região do Seridó a casa de taipa. Entretanto, no início do século XIX, algumas famílias mais abastadas irão progressivamente substituir as casas de taipa pelas casas de alvenaria. Tais casas de alvenaria em geral possuíam alpendres, salas e quartos bastante espaçosos, corredores que findavam em uma cozinha. Os quintais mesclavam-se com a paisagem circunvizinha, o “tabuleiro”. No interior das casas o quarto do casal denominava-se “alcova” enquanto o das moças solteiras era a “camarinha”. Sobre a estrutura interna da casa sertaneja Maria das Dores Medeiros ainda complementa:

No espaço aéreo do corredor, situado entre o barroto de madeira superior do portal e cumeeira da casa, eram fixados barrotes [...] de um lado a outro das paredes dos corredores, estes forrados com tabuas com tabuas pregadas [...] formando assim uma espécie de sótão [...] onde eram guardados os mantimentos não produzidos na região [...] e outros mantimentos produzidos em casa em grandes quantidades⁴⁵.

⁴⁵ MEDEIROS, Maria das Dores. Seridó antigo história e cotidiano. p. 11-12.

As casas possuíam coberturas de duas águas do sentido da cozinha e do alpendre. Normalmente as casas eram bastante altas. Existiam também nas antigas casas (até hoje persistindo) diversos “tornos” em madeira destinados a armação das redes. Na cozinha o fogão era muito comprido, de tijolos, assim como a pequena calçada onde ficavam as panelas.

O mobiliário, outro aspecto peculiar da cultura sertaneja seridoense, era caracteristicamente muito pobre, uma casa em geral possuía poucos móveis e utensílios. Na cozinha ou dispensa, um “girau” para guardar alimentos era mantido. Para os assentos tambores rusticamente confeccionados de madeira e couro, assim como a mesa também grosseiramente feita de madeira. Muito raramente se encontravam nos quartos armários feitos de tijolos e algumas prateleiras feitas de madeiras para redes, lençóis ou roupas. A cama do casal era de madeira com lastro de tiras ou solas e em muitos casos o único móvel deste tipo na casa. De resto, apenas um baú para guardar as melhores roupas e outros objetos de maior valor completava os poucos móveis utilizados nos lares sertanejos. Por fim não esqueçamos a peça indispensável a toda boa família religiosa e católica, o oratório, local dos santos protetores do lar e da família.

Em relação ao vestuário do sertanejo as roupas eram confeccionadas com os mais diversos tipos de tecido: baeta, algodãozinho, cassimira, linho, morin e chita em sua maioria comprados nas feiras ou dos mascates. Para os homens, calças, camisas, jaquetas, ternos e celourão. Para os pés chinelos de couro ou sapatos. Havia ainda a clássica indumentária de couro, o chapéu, o gibão, indispensáveis na labuta diária com o gado. As mulheres vestiam-se com saias, blusas e sutiãs (califon), anáguas bordadas com bicos rendados. Os vestidos eram muitos longos, repletos de bordados.

Um dos aspectos mais fascinantes da cultura sertaneja encontra-se na alimentação. Apesar do que possa aparentar devido aos áridos sertões do Seridó, o sertanejo alimentava-se relativamente bem, fazendo quatro refeições diárias: café, almoço, janta e ceia. Ao café da manhã era quase obrigatória a presença do cuscuz de milho ao leite de gado ou de coco, bolos, bolachas, batatas, bejus, tapiocas e tarecos. O almoço e a janta traziam praticamente os mesmos alimentos: feijão macassar, arroz de leite ou doce, ovos, rapadura, farinha de mandioca, carne de gado, caça ou aves domésticas (guinés, galinhas ou patos). Outras carnes de criação também eram consumidas (porco, bode e carneiro). Finalmente a ceia na qual o costume determinava em geral uma coalhada adoçada com raspa de rapadura, xerém e mungunzá com leite e ou batatas. Porém devemos recordar que essa fartura alimentar era constantemente ameaçada pelos períodos de seca onde o sertanejo era obrigado a racionar os alimentos.

Voltemo-nos agora a questão do trabalho, como já foi dito estavam muito mais relacionadas à agricultura e principalmente a pecuária. Os trabalhos masculinos resumiam-se a limpeza das matas para o plantio, o próprio plantio e aos cuidados com a roça. A lida com o gado também era geral trabalho do homem principalmente durante as secas quando era necessária a queimada do xiquexique. As mulheres eram reservadas as tarefas menos ingratas, ajudavam os homens no plantio (cobrindo as covas) e na colheita do algodão, feijão e milho. Eram responsáveis incontestes por todo o trabalho doméstico, no preparo da alimentação (pilagem e moagem de grãos), na lavagem e engomação das roupas. Um caso interessante das relações de trabalho ocorria nas chamadas “farinhadas”, quando a família dos proprietários e dos trabalhadores reuniam-se varando a noite para o preparo da mandioca que tornaria-se farinha, goma para fazer tapioca e beju.

Os festejos seridoenses são outra parte muito interessante no âmbito cultural. Havia nos sítios os “carnavais” marcados por música e muita folia comemorado apenas pelos homens alguns vestiam-se de mulher, porém o ápice dessa festa era a aparição do hilário papangu. A festa do “boi de reis” era comemorada na região destacando-se a de Jardim do Seridó. Os homens vestiam-se com grandes chapéus repletos de fitas e lantejoulas e as roupas eram coloridas e brilhantes, Nesta festa o centro das atenções era a figura de Catarina negra alegre e sem vergonha representada por um homem travestido, não havia festejos de maior popularidade no Seridó uma vez que participava tanto os pobres quanto os ricos. Havia ainda as reuniões sociais e religiosas realizadas na vila que congregavam além de seus moradores a comunidades vizinhas. Por fim as festas juninas também eram comemoradas alegremente com fogueiras comidas de milho quadrilhas adivinhas e simpatias. Não é possível de festejos populares sem citar o mais tradicional de todos eles nos sertões a vaquejada, de acordo co Câmara Cascudo consistia:

Na reunião do gado nos fins do inverno, para o beneficiamento, castração, ferra, tratamento de feridas [...] a reunião anunciava a divisão, entrega das rezes aos seus proprietários, a apartação. Uma certa parte do gado era guardada ou reservada para a derrubada, a vaquejada propriamente dita, o folguedo de derrubar o animal, puxando-o bruscamente pela cauda, indo o vaqueiro a cavalo correm sempre dois cavaleiro e o colocado a esquerda é o ‘esteira’ para conservar o animal em determinada direção. Emparelhado o cavalo com o novilho, o touro, boi ou vaca, aproximado o cavalo, o vaqueiro segura cauda do animal dando um forte puxão e no mesmo minuto afastando o cavalo. É a ‘muciça’ ou saída. Desequilibrado o touro cai, espetacularmente, patas para o ar, mocotó passou! Se não o derruba e o novilho alcança livrar-se, ‘botou o boi no mato’ e há uma vaia estrepitosa⁴⁶.

⁴⁶ CÂMARA CASCU DO, Luis da. Dicionário do folclore brasileiro. 3ed. Rio de Janeiro:Ed Tecnoprint, 1972 (brasileira de ouro). p. 901.

Cascudo ainda afirma que desconhece registro de vaquejada anterior a 1870 em que o vaqueiro derruba o animal pela cauda. A vaquejada é uma das mais tradicionais populares festas do interior reunindo enorme número de pessoas da cidade e dos arredores. É o festejo mais diretamente ligado as heranças do desenvolvimento pecuário no Nordeste variando pouco de região para região.

Fonte cultural riquíssima eram os chamados costumes do povo sertanejo do Seridó. Repletos de lendas, superstições e crendices passadas de geração em geração pela tradição oral. As superstições predominavam no meio popular. Por exemplo, as pessoas não passavam por cima de cordas, muito menos por baixo de escadas, diziam mau agouro. Moça menstruada não podia pisar em caroço de milho, passar por baixo de limoeiro ou lavar o cabelo. Semana santa, da quarta feira até o sábado, o jejum era obrigatório. E na sexta feira da paixão a casa não era varrida. As crianças não possuíam chupetas, muitas mães davam-lhe uma trouxinha de açúcar para a criança chupar. Uma curiosidade muito peculiar nos é relatada por Maria das Dores Medeiros que afirma:

Era comum entre os seridoenses considerarem o governador do estado como um ser divino, revestido de uma autoridade imensurável e merecedor de respeito e admiração. Assim nos descreve dona Eliza: “agente pensava que o governador era um Deus. Agente não sabia onde ele morava, sabia só que era numa cidade grande, mas ninguém podia dizer nome (palavrão xingamento) com ele”⁴⁷.

Crendices e contos populares também são muito presentes nos sertões do Seridó. Exemplo disso são as chamadas tradições de cobra, o sertanejo acreditava que as cobras deixavam seu veneno numa folha quando iam beber ou atravessar a água e se ela o perdesse

⁴⁷ MEDEIROS, Maria das Dores. Seridó antigo história e cotidiano. p. 28.

ou alguém o roubasse, a cobra morria de raiva. Acreditava-se ainda que as cobras respeitavam as mulheres grávidas ou menstruadas, que se a cobra picasse alguma mulher nesse estado a morte da cobra era certa. Quem assobia a noite esta chamando cobra, quem mata uma cobra deve cuidar-se porque a companheira da cobra vira se vingar, quem traz azogue no bolso espanta cobra. Uma das crendices mais populares sobre cobra diz que algumas cobras têm costume de mamar no seio das mães que amamentam filho e pôr a ponta da cauda na boca da criança para que não chore. Quando no sertão um poço ou cacimba desaparecia (secava) acreditava-se que forças mágicas haviam transportado a água para outro local. A água foi roubada e reaparecerá em outro local de acordo com a vontade da pessoa sabedora da fórmula encantada. Câmara Cascudo sobre essa crendice escreve:

Leva-se um cabaço que não tenha sido utilizado ainda e retira-se lentamente água do poço unicamente da superfície, entre meia noite e madrugada, oras em que a água está dormindo. Em silencio absoluto o cabaço é conduzido e enterrado no lugar previamente escolhido, com três palmos e três dedos de profundidade⁴⁸.

Entre, o colher da água e enterrar o cabaço reza-se baixinho uma fórmula citando a gravidez de nossa senhora, os três dias do santo sepulcro e cristo no sacrário. Em noite escura é feita a tirada do poço. A nova fonte surgira na primeira lua nova ou quarto crescente fazendo desaparecer a antiga fonte.

A cultura original dos sertões do Seridó é muito vasta e riquíssima. Aqui apenas mais alguns aspectos mais peculiares foram apresentados, uma ínfima parte de um todo repleto de muitas tradições, costumes e características herdadas principalmente do trabalho

⁴⁸ CÂMARA CASCU DO, Luis da. Tradições populares da pecuária nordestina. Rio de Janeiro: senado federal centro gráfico. 1956. p. 85.

pastoril e da miscigenação das três raças que lá conviveram juntas, cultura essa passada de geração a geração através da tradição oral e escrita, pelas pessoas que de uma forma ou de outra contribuíram para a formação e desenvolvimento dessa região dos sertões potiguares.

O Seridó.

CONCLUSÃO

O surgimento e desenvolvimento da pecuária no Brasil no período colonial foi um acontecimento significativo de nossa história. Apesar de inicialmente receber o status de atividade acessória, é a essa atividade que devemos grande parte do que o território brasileiro é atualmente. Foram os caminhos de gado que levaram o colono português ao interior das terras brasileiro ignorando as dificuldades causadas pela natureza ou pelos silvícolas que aqui habitavam.

Em relação a região Nordeste essa informação torna-se ainda mais verídica, pois foi nesta região o maior foco de interiorização da pecuária, tudo isto sem mencionarmos o povoamento desses interiores nos quais os criadores de gado passaram fixando moradia e montando famílias por todo o Nordeste e outras regiões do Brasil. Processo muito semelhante pode ser encontrado na história do Rio Grande do Norte onde a pecuária também teve um papel muito importante no desenvolvimento da capitania e depois da província. Seguindo-se a mesma caracterização ocorrida em todo Brasil. A pecuária aqui no Estado foi responsável pela interiorização e repovoamento de grande parte dos sertões potiguares. Foi então por meio desse processo de expansão da pecuária nos sertões da capitania que ocorreu o repovoamento da região do Seridó, originando deste modo os primeiros povoados que seriam a base para os atuais municípios existentes na região. Portanto, após todo o exposto, torna-se claro e incontestável o papel da criação de gado como instrumento fundamental que desencadeou na região do Seridó focos de povoamento que futuramente tornarão possível a aurora e desenvolvimento de todos os municípios existentes naquela região dos sertões potiguares. É a pecuária que todo habitante do Seridó, mínimo conhecedor de sua própria história, deve “render graças” pois sem ela provavelmente, a

região seridoense somente poderia encontrar seu processo de desenvolvimento alguns séculos mais tarde.

**Bibliografia.**

- ABREU, J. Capistrano. **Caminhos antigos e povoamento do Brasil**. 2ed. Rio de Janeiro: Livraria Briguiet, 1960.
- ANDRADE, Manoel Correia de. **A terra e homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. 5ed. São Paulo: Atlas, 1986.
- _____ . **A produção do espaço norte-riograndense**. Natal: UFRN, Ed. Universitária, 1981.
- ANTONIL, André João. **Cultura e Opulência do Brasil**. 3ed. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia Ltda, 1982 (Reconquista do Brasil. V. 70).
- ARAÚJO, Douglas. **Surgimento e decadência das oficinas de carne seca do RN**. Natal. RN: CCHLA. UFRN [sd] (coleção humanas letras).
- AVELLAR, Hélio de Alcântara. **História administrativa e econômica do Brasil**. Rio de Janeiro: FENAME, 1970.
- AZEVEDO, Aroldo. **Estrutura econômica do Rio Grande Norte**. Mossoró: [sn], 1961.
- BUESCU, Mircea. **Historia econômica do Brasil: pesquisas e análises**. Rio de Janeiro: Apec, 1970.
- CÂMARA CASCUDO, Luis da. **Dicionário do folclore brasileiro**. 3ed. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1972.
- _____ . **História do Rio Grande do Norte**. Natal; Rio de Janeiro: Fundação José Augusto, 1984.

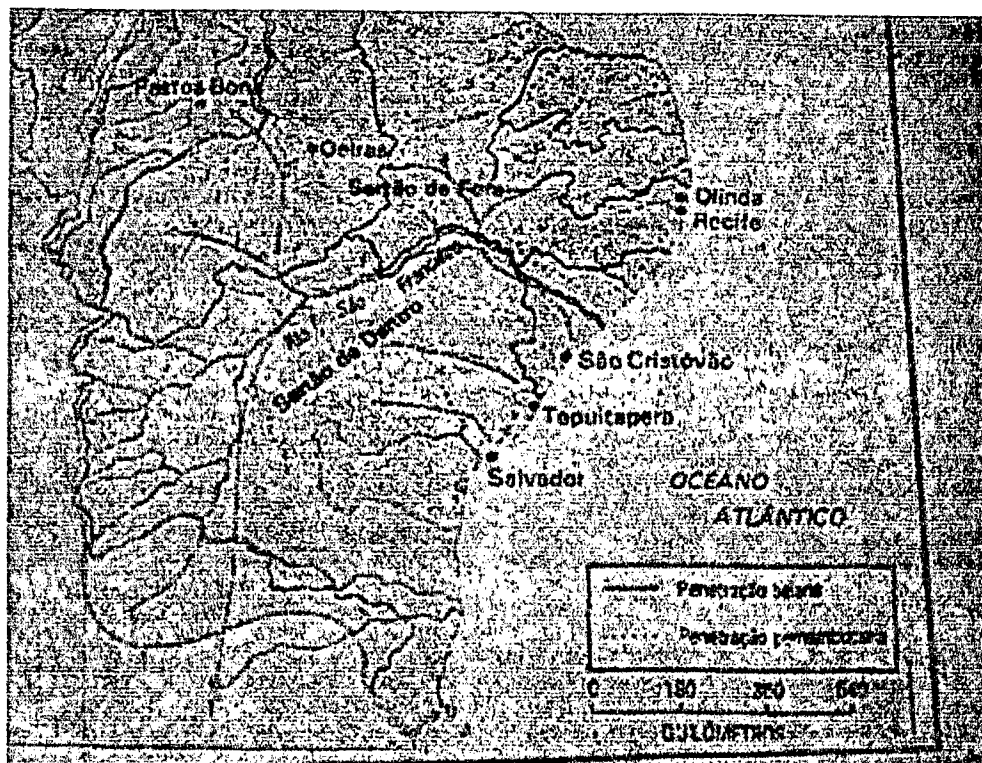
- _____ . **Tradições populares da pecuária nordestina.**
Rio de Janeiro: senado federal centro gráfico, 1956 (documentário da vida rural número 9).
- FARIAS, Osvaldo Lamartine de. **Vocabulário do Criatório Norte-riograndense.**
2ed. Natal: Fundação José Augusto, 1997.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil.** 15ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1977.
- GUERRA, Flávio. **Nordeste um século de silêncio.** 2ed. Recife: Ed. Asa, 1984.
- LAMARTINE, Osvaldo. **Sertões do Seridó.** Brasília: senado federal centro gráfico, 1980.
- LIRA, A. Tavares de. **História do Rio Grande do Norte.** 2ed. Natal: Fundação José Augusto.
- LOBO, Haddock. **História econômica e administrativa do Brasil.** 12ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- LOPES, Fátima Martins. **Índios, colonos e missionários na colonização da capitania do Rio Grande do Norte.** Mossoró: Fundação Vingt-in Rosado, IHGRN, 2003 (coleção mossoroense. Série C; V. 1379).
- MACEDO, Muirakytan Kennedy de. **A penúltima Versão do Seridó: espaço e história no regionalismo seridoense.** Natal: [s.n]. 1988
- MARIZ, Marlene da Silva; SUASSUNA, Luis Eduardo Brandão. **História do Rio Grande do Norte.** Natal (RN): sebo vermelho edições, 2002.
- MEDEIROS, FILHO, Olavo de. **Índios do Açu e Seridó.** Brasília: Senado Federal Centro Gráfico, 1984

- _____ . **Terra natalense**. Natal: Fundação José Augusto, 1991.
- _____ . **Velhas Famílias do Seridó**. Brasília: Senado Federal Centro Gráfico, 1981.
- _____ . **Velhos Inventários do Seridó**. Brasília: Senado Federal Centro Gráfico, 1983.
- MEDEIROS, José Augusto Bezerra de. **Famílias seridoenses**. Natal: sebo vermelho edições, 2002.
- MEDEIROS, Maria das Dôres. **Seridó antigo história e cotidiano**. Caicó. RN: [sn], 1994 (edição humanas letras/ museu do Seridó).
- MEDEIROS, Tarcísio. **Aspectos geopolíticos e Antropológicos da história do Rio Grande do Norte**. Natal: Imprensa universitária, 1973.
- _____ . **Proto-história do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Presença edições; Fundação José Augusto, 1985.
- MENEZES, Othoniel. **Sertão de espinho e de flor**. Natal: Departamento de Imprensa, 1952.
- MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução a história do Rio Grande do Norte**. 2ed. Ver. Natal (RN): cooperativa cultural, 2002.
- PEREIRA, Nunes. **A indústria pastoril no Rio Grande do Norte**. 2ed. Mossoró: Esam; Fundação Guimarães Duque, 1980 (coleção mossoroense, V. CXV).
- PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil: 1500-1820**. 3ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, [sd].

- ROSA, Jayme da Nóbrega Santa. **Acari- Fundação, história e desenvolvimento.** Rio de Janeiro: pongetti, 1974.
- SIMONSEN, Roberto C. **História econômica do Brasil: 1500-1820.** 3ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, [sd].

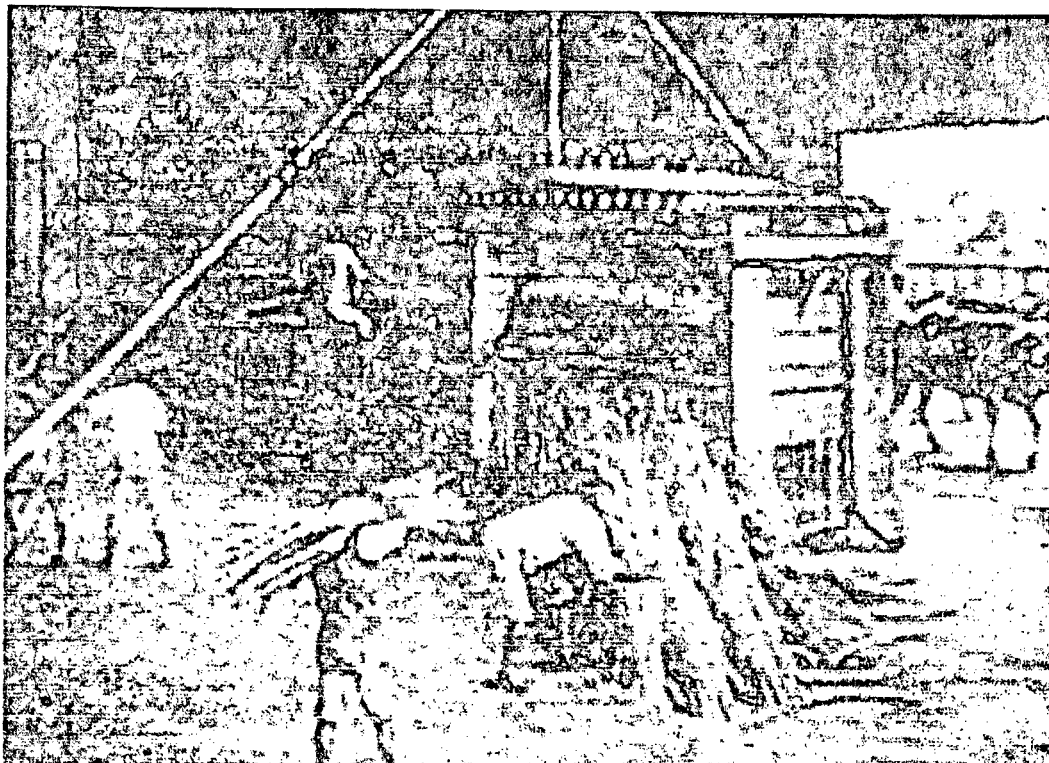
ANEXOS:

Foto 01.



Deslocamento e expansão de gado do século XVII ao século XX.

Foto 02.



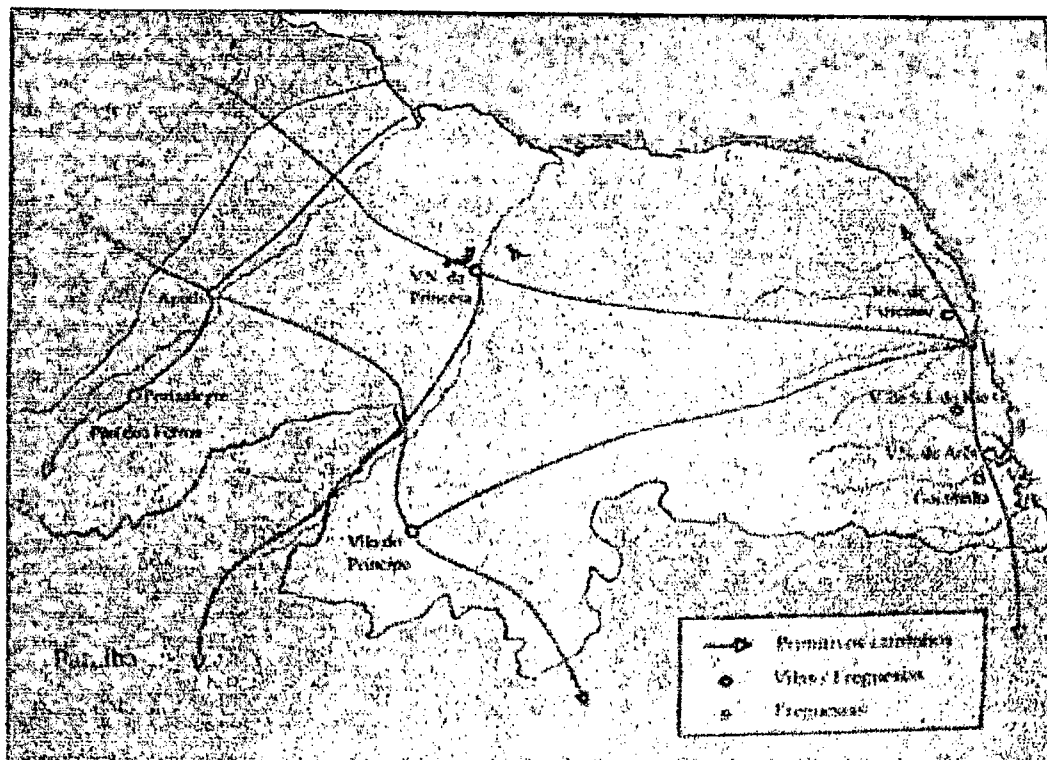
A criação de gado bovino no Nordeste do século XVII foi importante para agroindústria da cana-de-açúcar.

Foto 03.



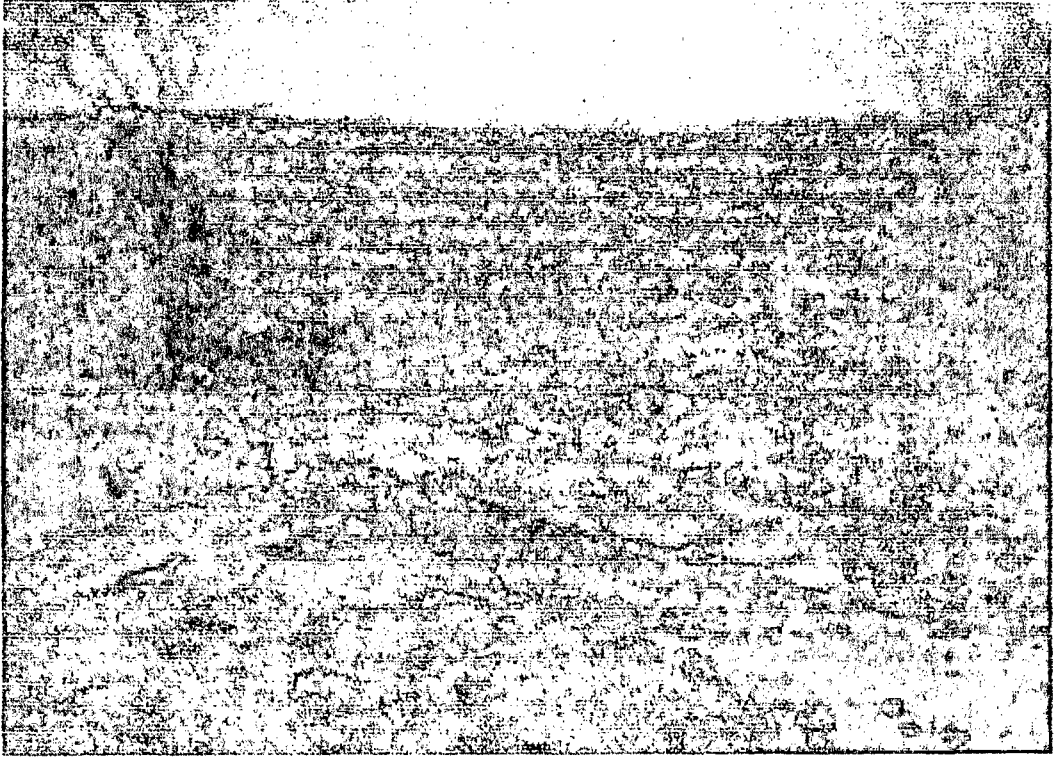
Vaqueiro do sertão nordestino.

Foto 04.



Capitania do Rio Grande: primitivos caminhos e primeiras vilas e freguesias - século XVIII.

Foto 05.



Aspectos dos alicerces da CASA FORTE DE CUÓ, construída entre os anos de 1686 e 1687, em pleno período da chamada Guerra dos Bárbaros.

Foto 06.



A casa forte de Cuó maracá a presença das tropas utilizadas no combate ao levante do gentio Tapuia, podendo ser considerada a origem da cidade de Caicó.

Foto 07.



No sertão antigas casas de fazenda de gado resistem ao tempo como esta existente em Caicó e construída no século XVII (casa de fazenda).

Foto 08.



Imagem de Sant'Ana, padroeira da maioria das cidades da região do Seridó.